

Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 74 · Nº 798 · €1,90

Novembro 2013

A superpotência do tempo do fim

Os Estados Unidos na profecia



O Senhor realmente endureceu o coração do Faraó? Estava o Faraó predestinado por Deus?

06



Aumentando as nossas entradas em tempos de crise Deus promete aumentar os nossos rendimentos.

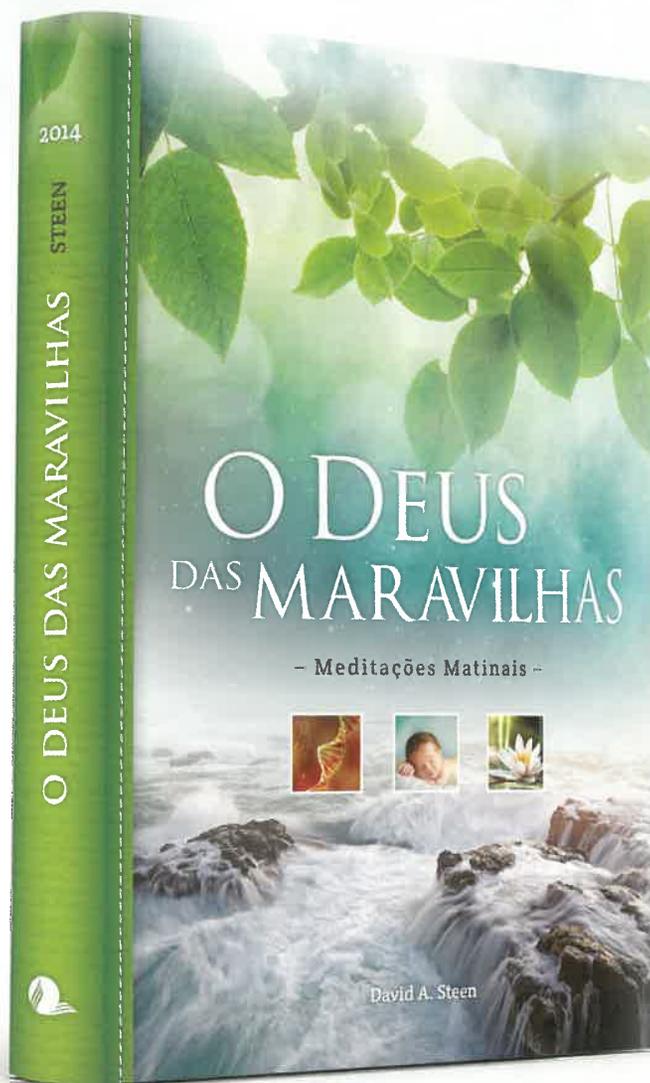
14



À fenda na rocha O que significa, realmente, ser perdoado?

34

Meditações Matinais 2014



EM CADA DIA,
A REVELAÇÃO,
ATRAVÉS DO MUNDO
NATURAL, DE UM CRIADOR
QUE NOS AMA E ANSEIA
PELO NOSSO AMOR.

9,50€



Autor

David A. Steen

PH.D., é professor catedrático de Biologia e presidente do Departamento de Biologia da Universidade de Andrews.



Encomende já
na livraria da sua igreja!



"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

Índice



CIÊNCIA E RELIGIÃO

20**A matemática de Deus: parte VII**

Vamos procurar lições espirituais na sequência de números que se situam entre Vinte e Dois e Trinta e Nove.



CRENÇAS FUNDAMENTAIS

26**A Nova Terra em construção**

A Terra é um belo Planeta. E, no entanto, Isaías e João falam-nos acerca de uma Nova Terra que é ainda mais bela.



PÁGINA DA CRIANÇA

25**Ursinhos famosos**

EDITORIAL

04 A Profecia Bíblica**05 Memo**

INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

06 O Senhor realmente endureceu o coração do Faraó?

Na Bíblia, Deus é frequentemente descrito como fazendo aquilo que Ele não impede de acontecer.

ARTIGO DE FUNDO

08 A superpotência do tempo do fim: os Estados Unidos na profecia

Nunca como hoje estivemos tão perto de ver cumprida a profecia sobre o papel que os Estados Unidos irão desempenhar no tempo do fim.

MORDOMIA

14 Aumentando as nossas entradas em tempos de crise

Não são fáceis os momentos que todos estamos a atravessar no nosso país.

16 Notícias Internacionais

· GC
· EUD
· AUD

17 Notícias Nacionais

· UPASD
· Vila Nova de Monsarros

REFLEXÃO

19 Passe isto adiante

Em todos os continentes, em qualquer clima, em almoços-convívio e em reuniões de oração, alguém se debruça sobre a mesa e pergunta num tom de conspiração: "Então, o que há de novo na Igreja?"

MEDITAÇÃO

24 As Surpresas de Deus

Há momentos em que Deus nos surpreende ao fazer algo inesperado, algo espantoso.

HERANÇA ADVENTISTA

29 William Ward Simpson

Antes de morrer, aos trinta e cinco anos, Simpson trouxe inovações importantes aos métodos de evangelismo empregues pelos Adventistas.

SAÚDE E TEMPERANÇA

32 Obesidade infantil

A obesidade foi considerada pela Organização Mundial de Saúde a epidemia do Século.

DEVOCIONAL

34 A fenda na rocha

Deus é compassivo com aqueles que O buscam.



António Rodrigues

A Profecia Bíblica

Profetizar é falar em nome de Deus com autoridade vinda d'Ele. A profecia prediz acontecimentos futuros ou declara a vontade de Deus para o presente (Êxodo 3:10, 14 e 15). A profecia é um dos meios escolhidos por Deus para Se comunicar com o homem (Amós 3:7). O texto bíblico diz-nos que a profecia não é realizada pela vontade de homem algum. “Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (II Pedro 1:21).

As Escrituras testificam de Jesus e o dom de profecia é apropriadamente chamado “o testemunho de Jesus” (Apocalipse 19:10). O dom de profecia manifesta-se por meio de visões, de sonhos ou de inspiração especial (Números 12:6; Apocalipse 1:1-3) e então o instrumento humano converte-se no porta-voz de Deus (II Samuel 23:2). Deus tem o propósito de manter este importante dom na Sua Igreja até ao fim dos tempos (Joel 2:28 e 29). Na realidade, ele é um dos dois sinais que servirão para identificar a verdadeira Igreja nos últimos dias (Apocalipse 12:17; 19:10).

Antagonicamente, Satanás origina o engano. “E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao remanescente da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo” (Apocalipse 12:17). Ele leva, assim, as pessoas a crerem naquilo que é falso ou que desvirtua a revelação divina. A profecia não é a adivinhação do futuro para enganar ou para alcançar lucros financeiros. A profecia não é uma espécie de Astrologia ou outra sorte

de propostas que diariamente são apresentadas nos meios de comunicação social.

Deus estabeleceu o dom profético entre o Seu povo como um sinal de distinção e de aproximação entre o Divino e o Humano. De facto, a Igreja verdadeira tem como uma das suas características o dom do espírito de profecia (Apocalipse 19:10). A verdadeira profecia encontra sempre o seu cumprimento e a sua realização para honra e glória de Deus. Eis algumas características da verdadeira profecia, fundadas na Palavra de Deus: (1) a profecia tem Deus como seu autor (Isaías 44:7; 45:21); (2) ela é um dom do Espírito Santo (I Coríntios 12:10); (3) ela será sempre cumprida (Atos 3:18); (4) ela é um dom prometido até ao fim da missão da Igreja (Joel 2:28); e (5) não a devemos desprezar (I Tessalonicenses 5:20).

A profecia terá, até ao fim, uma importância fundamental na orientação e na confirmação do povo de Deus. Ela prepara-nos para recebermos a mensagem do terceiro anjo e para evitarmos o sinal da besta. Ela ajuda-nos a enfrentarmos as perseguições e a opressão desencadeada pela besta com chifres de cordeiro, representação apocalíptica de uma grande potência mundial dos nossos dias. Mas o maior acontecimento de todos para que nos prepara a profecia é a Segunda Vinda de Cristo nas nuvens do Céu e o estabelecimento da Nova Terra. Por essa razão, a profecia é de extrema importância para os nossos dias, pois a Bíblia afirma que “não havendo profecia, o povo perece; porém o que guarda a lei, esse é bem-aventurado” (Provérbios 29:18). ♦

• **António Rodrigues**
Presidente da UPASD

Dias Especiais e Ofertas

NOVEMBRO

02	Fim da Semana de Oração da Igreja
02	Oferta da Semana de Oração e Sacrifício
08-10	Escola de Formação JA – Nível 2 – Lisboa e Vale do Tejo/Alentejo e Algarve
10-11	Conselho Anual da UPASD
15-17	Encontro de Profissionais de Saúde
15-17	Escola de Formação JA – Nível 2 – Centro e Norte
24-26	Convenção Pastoral
30	Reuniões de oficiais de Igreja (Alentejo e Algarve)
30	Oferta para a construção de novos Templos

DEZEMBRO

08	Dia da Mordomia
07 e 08	Reuniões de oficiais de Igreja (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo)
14	Dia da Saúde
28	Oferta do 13º Sábado

NOVEMBRO

04-08 – Seminário Teológico de Sófia
11-15 – Casa Publicadora Advent-Verlag (SU)
18-22 – Associação do Sul da França (FBU)
25-29 – Casa Publicadora Búlgara (BU)

DEZEMBRO

02-06 – Associação Berlim-Alemanha Central (NGU)
09-13 – Associação Eslovaca (CSU)
16-20 – Publicadora SerVir (PU)



Andando ao Toque da Tua Voz

Ensina-me a ouvir a Tua voz!
Abre, Senhor, os meus ouvidos,
Para que eu possa descansar na paz da Tua voz.
Senhor, que eu a ouça
E saiba distingui-la de outras vozes.
A Tua voz, sim, é amiga;
É cheia de ideais para mim!
Pai, abre a minha mente,
Para que esteja sensível
Ao doce toque da Tua voz!
Num silêncio profundo,
Ou no barulho do mundo,
Que eu possa ouvir a Tua voz.
Nestes dias maus, nestes dias atrozes,
Que eu esteja alerta
Ao toque da Tua voz.
Senhor, quero levantar-me
Ao toque da Tua voz;
Quero erguer o estandarte da Cruz!
Na minha lida, quero dizer ao mundo
Que a única saída é seguirmos os passos de Jesus!
Eu quero ter refletida no meu rosto
A luz da Tua voz.
Sim, eu serei a Tua voz,
E direi o que ela me traduz:
Que está chegando o dia da volta de Jesus!

Maristela Araújo
(Adaptado)

Envie os seus textos para:
Revista Adventista (A/C Lara Varandas)
Publicadora SerVir, S. A.
Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo
ou para: lara.pservir@sapo.pt

ANTENA 1

FÊ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h
ANTENA 1, a partir das 22h47

- 13/11 (quarta-feira)
- 25/11 (segunda-feira)
- 23/12 (segunda-feira)
- 26/12 (quinta-feira)

RTP2 ANTENA 1

CAMINHOS

RTP2, às 09h
ANTENA 1, a partir
das 06h
01/12 (domingo)

O Senhor realmente endureceu o coração do Faraó?

NA BÍBLIA, DEUS É FREQUENTEMENTE DESCRITO COMO FAZENDO AQUILO QUE ELE NÃO IMPEDE DE ACONTECER.

"E disse o Senhor a Moisés: Quando voltares ao Egito, atenta que faças diante de Faraó todas as maravilhas que tenho posto na tua mão; mas eu endurecerei o seu coração, para que não deixe ir o povo." Êxodo 4:21.

O que tem perturbado alguns leitores das Escrituras é o facto de que, depois de Deus ter dito que iria endurecer o coração do Faraó, de tal modo que este não deixaria partir o povo de Israel, o Senhor traz sobre o Egito as dez pragas, porque o Faraó fez o que o próprio Deus disse que Ele o iria levar a fazer. Estava o Faraó predestinado por Deus para desempenhar este papel ou é ele responsável pelo seu comportamento e, assim, culpado de rebelião contra Deus?

O tema do endurecimento do Faraó ocorre várias vezes entre Êxodo 3 e Êxodo 14. Ele é descrito dos seguintes modos:

1. Deus prediz que irá endurecer o coração do Faraó (Êxo. 4:21; 7:3).
 2. O coração do Faraó foi endurecido sem agente identificador (Êxo. 7:13 e 14, 22; 8:19; 9:7, 35).
 3. O Faraó endureceu o seu próprio coração (Êxo. 8:15, 32; 9:34).
 4. Deus endureceu o coração do Faraó (Êxo. 9:12; 10:1, 20, 27; 11:10; 14:4, 8, 17).
- Já em Êxodo 3:19 Deus predisse

que "o rei do Egito não vos deixará ir, nem ainda por uma mão forte". Quando Moisés regressou ao Egito para fazer aquilo que Deus lhe tinha pedido, Deus disse-lhe: "eu endurecerei o seu [do Faraó] coração, para que não deixe ir o povo" (Êxo. 4:21). Esta predição é reiterada em Êxodo 7:3.

O Faraó e as dez pragas

No primeiro incidente, mesmo antes de Deus ter enviado a primeira praga sobre o Faraó e sobre o Egito, o texto bíblico indica a resistência do Faraó em face de Deus quando pediu aos seus magos para exercerem as suas "artes secretas" (Êxo. 7:11 e 12). Quando Deus mostrou a Sua soberania e o Seu poder através de Moisés e Araão, "o coração de Faraó se endureceu (*chazaq*), e não os ouviu, como o Senhor tinha dito" (Êxo. 7:13). A palavra hebraica *chazaq* indica uma atitude que é inflexível e firme. Porque ele contava com os magos do Egito, "o coração de Faraó se endureceu" (Êxo. 7:22).

Durante a segunda praga, o Faraó, pela primeira vez, pediu a Moisés e Araão que rogassem a Deus por ele e pelo seu povo (Êxo. 8:8); mas, após a ajuda de Moisés (Êxo. 8:9 e 10), "ele endureceu o seu coração e não os ouviu" (Êxo. 8:15). Foi o próprio Faraó que endureceu o seu coração. Durante a terceira praga, os magos (Êxo. 8:18) admitiram livremente diante do Faraó que "isto é o dedo de Deus" (Êxo. 8:19); no entanto, "o coração de Faraó se endureceu e não os ouviu". De modo semelhante, durante as duas pragas seguintes, o Faraó continuou a endurecer o seu coração (Êxo. 8:32) e este permaneceu endurecido (Êxo. 9:7).

É apenas após o sétimo endurecimento, durante a sexta praga, a das úlceras, que lemos: "o Senhor endureceu o coração de Faraó" (Êxo. 9:12). Enquanto vários servos do Faraó acreditavam que Deus tinha salvo a sua vida (Êxo. 9:20), o Faraó "ainda não temeu o Senhor Deus" (Êxo. 9:30). Depois da devastadora chuva de saraiva, o Faraó "continuou a pecar e endureceu o seu coração" (Êxo. 9:34).

O texto torna claro que o endurecimento do seu coração foi o seu pecado e que ele desobedeceu



a Deus. Deus não é responsável pelo endurecimento. Assim, “o coração de Faraó se endureceu e não deixou ir os filhos de Israel” (Êxo. 9:35). O uso de duas descrições do endurecimento do coração do Faraó em sucessão sublinha a extensão crescente do problema. É então que lemos, em Êxodo 10:1, que Deus diz: “eu tenho endurecido o seu coração”, porque, na Bíblia, Deus é frequentemente descrito como fazendo uma coisa que Ele não impede de acontecer. No entanto, o facto de que Deus permite algo não significa que Ele necessariamente seja a sua causa.

Antes da oitava praga começar, a responsabilidade individual do Faraó é novamente indicada na pergunta que Moisés e Araão colocam: “Assim diz o Senhor, o Deus dos hebreus: Até quando *recusas humilhar-te* diante de mim? Deixa ir o meu povo, para que me sirva; Porque, se *ainda recusares* deixar ir o meu povo, eis que trarei, ama-

nhã, gafanhotos aos teus termos” (Êxo. 10:3 e 4, ênfase acrescentada). O Faraó, apesar de admitir que tinha pecado, ainda assim recusou deixar ir os Israelitas. O perdão de Deus (Êxo. 10:16 e 17) não o conduziu ao arrependimento. Em vez disso, o Faraó permaneceu teimoso e, assim, lemos outra vez que “O Senhor endureceu o coração de Faraó” (Êxo. 10:20), isto é, Deus permitiu que o Faraó se Lhe opusesse. Quanta condescendência da parte do Omnipotente! Esta história ilustra a ligação intrínca da entre o livre arbítrio humano e a soberania de Deus.

Antes da décima praga começar, Deus disse a Moisés que “o Faraó não vos ouvirá” (Êxo. 11:9). Esta predição indica que o Faraó decidiria de livre vontade o que veio a decidir. No versículo seguinte, no entanto, lemos que “O Senhor endureceu o coração de Faraó, que não deixou ir os filhos de Israel da sua terra” (Êxo. 11:10). No fim da

história do êxodo, podemos ler: “O Senhor nos tirou com mão forte do Egito, da casa da servidão. Porque sucedeu que, endurecendo-se Faraó, para não nos deixar ir, o Senhor matou todos os primogênitos na terra do Egito” (Êxo. 13:14 e 15). Esta passagem indica que o endurecimento do coração do Faraó não ocorreu contra o seu próprio livre arbítrio.

Conclusão

As predições de Deus não são necessariamente os Seus decretos. Deus foi responsável pelo processo de envio das pragas e o Faraó foi responsável pela sua falta de arrependimento. Do mesmo modo que o Sol derrete a cera e endurece o barro, a mesma revelação do poder de Deus levou os servos do Faraó à obediência (Êxo. 9:20), mas endureceu o coração do Faraó. ♣

• **Frank M. Hasel**
Teólogo



Nunca como hoje
estivemos tão perto
de ver cumprida a
profecia sobre o papel
que os Estados Unidos
irão desempenhar
no tempo do fim.

A superpotência do tempo do fim

OS ESTADOS UNIDOS NA PROFECIA

John Andrews e os Estados Unidos

Era uma segunda-feira tranquila no lar em que coabitavam a família Andrews e a família Stowell, em Paris, Maine. Desde o Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844 que os Andrews e os Stowell viviam sob o mesmo teto. Nessa segunda-feira de 1846, a adolescente Marian Stowell desco-

briu sobre a mesa da cozinha um folheto que alguém da família tinha levado para casa. O título despertou a sua atenção e ela decidiu lê-lo. Tratava-se do folheto escrito pelo Pastor millerita Thomas Preble sobre a perpetuidade do Sábado como dia de repouso e de adoração. Tendo ficado convencida pelos argumentos bíblicos aí apre-

sentados, Marian passou o folheto ao seu irmão mais velho, Oswald, que o leu com atenção. Também ele ficou convencido da verdade do Sábado. Assim, no Sábado que se seguiu ambos observaram o dia de repouso prescrito pela Bíblia, mas fizeram-no em segredo. Na segunda-feira seguinte, Marion mostrou o folheto a John Andrews, então

com 17 anos. Depois de o ler e de ter ficado convencido da verdade sobre o Sábado, John perguntou a Marion se os seus pais já tinham lido o dito folheto. Nenhum dos adultos das duas famílias tinham tido ainda a oportunidade de ler o interessante opúsculo. Os dois jovens decidiram levá-lo aos respetivos pais. Em consequência, no Sábado seguinte todos os membros das duas famílias observaram o quarto mandamento da Lei de Deus. Movidas pelo zelo missionário, estas duas famílias partilharam a sua nova fé e, em breve, sete outras famílias das vizinhanças estavam a adorar com eles ao Sábado. Em resultado deste interesse, em setembro de 1849 foi realizada uma reunião com todos os crentes sabatistas que residiam em Paris, Maine. Nesta reunião estiveram presentes Joseph Bates, James White e Ellen White. Impressionado com a manifesta presença do Espírito Santo na reunião, o jovem John Andrews afirmou num tom emocionado: “Trocaria mil erros por uma só verdade!” E foi assim que John Nevins Andrews (1829-1883)¹ se juntou ao grupo dos Adventistas Sabatistas. Ele tornar-se-ia no mais proeminente teólogo dos primeiros anos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Estudante autodidata, sabia Latim, Grego e Hebreu, conhecendo de cor todo o Novo Testamento. Assim, Andrews veio a pertencer – juntamente com Joseph Bates e James White – à comissão de edição do primeiro jornal Adventista sabatista, a *Review and Herald*, desde o início da sua publicação, embora contasse apenas vinte e um anos. Um ano depois, em maio de 1851, quando ainda era um jovem pastor itinerante de 22 anos, John Andrews publicou na *Review and Herald* um influente e decisivo artigo. Intitulado “Pensamentos

sobre Apocalipse 13 e 14”,² este artigo expunha a interpretação dos símbolos dos três anjos, da besta do mar e da besta da terra ainda hoje aceite pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. É interessante notar que foi neste artigo que a besta da terra com chifres semelhantes aos de um cordeiro foi pela primeira vez identificada como sendo o símbolo apocalíptico dos Estados Unidos da América. De facto, John Andrews apresenta no seu artigo as principais razões que o conduziram a esta identificação, vaticinando que os Estados Unidos viriam a desempenhar um papel crucial nos acontecimentos do tempo do fim e na crise final.

Interpretação sintética do símbolo da besta da terra com chifres de cordeiro

Ainda hoje a interpretação do símbolo da besta da terra com chifres de cordeiro sugerida por John Andrews em 1851 é aceite pelos teólogos Adventistas. Ela é aceite porque é a única interpretação que faz sentido. De facto, o renomado escritor Adventista Marvin Moore, no seu recente livro *Could It Really Happen?*,³ expõe as quatro características do símbolo da besta da terra que indicam que ela

representa inegavelmente os Estados Unidos da América.

A besta da terra é uma besta. Em profecia bíblica, uma besta representa uma nação imperial – um poder geopolítico importante no mundo. De facto, o livro de Daniel é claro ao interpretar o símbolo apocalíptico “besta” como representando um “reino” imperial (Daniel 7:17). Assim, podemos concluir que a besta da terra simboliza uma nação imperial.

A besta da terra exerce uma autoridade mundial. Apocalipse 13 fornece-nos indicações claras de que a besta da terra detém uma autoridade política mundial. Primeiro, ela “exerce todo o poder da primeira besta na sua presença” (Apoc. 13:12). Ora, a besta do mar de Apocalipse 13 é um poder político-religioso mundial. Portanto, a besta da terra que exerce todo o poder da besta do mar deve ser também um poder político mundial. Segundo, a besta da terra “faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta” (Apoc. 13:12). Isto significa que a besta da terra tem o poder político necessário para impor a falsa adoração, não apenas dentro das suas fronteiras, mas em todo o mundo, a toda a Humanidade.



Terceiro, a besta da terra “engana os que habitam na terra” e diz “aos que habitam na terra, que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia” (Apoc. 13:14). Ou seja, a besta da terra tem o poder político necessário para ordenar a todo o mundo que erija esta imagem da besta do mar. Podemos, assim, concluir que a besta da terra é uma superpotência mundial.

A besta da terra é uma superpotência do tempo do fim. Apocalipse 13:16 e 17 diz que a besta da terra forçará todas as pessoas para que “lhes seja posto uma marca na sua mão direita ou nas suas testas, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver a marca, ou o nome da besta ou o número do seu nome”. Em Apocalipse 16, a primeira das sete últimas pragas cai, precisamente, sobre os “homens que tinham a marca da besta e que adoravam a sua imagem” (Apoc. 16:2). Estas sete pragas são os últimos acontecimentos que ocorrerão antes da Segunda Vinda de Cristo. Assim, podemos concluir que a marca da besta é, claramente, um fenómeno do tempo do fim, pelo que a besta da terra que impõe pela força a marca deve também ser uma superpotência do tempo do fim. Nós sabemos que o tempo do fim começou em 1798, com o termo do período de 1260 anos em que a besta do mar exerceria sem oposição o seu poder. Hoje encontramos-nos em pleno tempo do fim. Logo, a besta da terra deve simbolizar uma superpotência atualmente existente.

A besta da terra é uma superpotência Cristã. A palavra “cordeiro” ocorre trinta e uma vezes em Apocalipse. Em todos os casos, menos num, ela é aplicada a Cristo. A única exceção encontra-se precisamente em Apocalipse 13:11. Aqui, a besta da terra é descrita como tendo “dois chifres semelhantes

aos de um cordeiro”. Portanto, a besta da terra é semelhante a um cordeiro. Aplicando-se este traço descritivo a uma nação, podemos concluir que essa nação é, provavelmente, uma nação Cristã.

Quando juntamos estas quatro características da besta da terra indicadas em Apocalipse 13, torna-se evidente que ela simboliza, necessariamente, os Estados Unidos da América. De facto, apenas estes constituem uma nação imperial que é uma superpotência mundial no tempo do fim e cuja população e cultura são maioritariamente Cristãs. Esta descrição não se aplica a mais nenhuma outra nação do mundo. A besta da terra com chifres semelhantes aos de um cordeiro simboliza, inegavelmente, os Estados Unidos da América.

As profecias sobre os Estados Unidos da América nos escritos de Ellen White

Ellen White aceitou integralmente a interpretação do símbolo da besta da terra com chifres de cordeiro proposta pelo Pastor John Andrews, pois, nas suas visões sob o tema do Grande Conflito entre Cristo e Satanás, ela recebeu de Deus indicações claras sobre o papel que os Estados Unidos da América iriam desempenhar na crise do tempo do fim. Assim, estas visões vieram confirmar a interpretação sugerida por John Andrews.

A primeira alusão explícita de Ellen White ao papel profético dos Estados Unidos da América encontra-se numa carta sua, datada de 1875. Nesta carta ela escreveu o seguinte: “A Lei de Deus, através da ação de Satanás, será anulada. Na nossa Terra, que se gaba da sua liberdade, a liberdade religiosa chegará ao fim. A disputa será decidida sobre a questão do Sábado, que irá agitar todo o mundo.”⁴ No entanto, é a partir da pu-

blicação do quarto volume da obra *Espírito de Profecia*, em 1884, que Ellen White começa a multiplicar as suas referências ao papel profético da nação americana. De facto, neste livro, ela aplica o símbolo da besta da terra com chifres de cordeiro aos Estados Unidos da América. Escreveu ela: “Eis aqui uma notável figura do surgimento e do crescimento da nossa nação. E os chifres semelhantes aos de um cordeiro, emblemas de inocência e mansidão, representam bem o carácter do nosso governo, tal como se expressa nos seus dois princípios fundamentais: Republicanismo e Protestantismo. [...]. Mas os severos traços da pena profética revelam uma mudança nesta cena pacífica. A besta com os chifres semelhantes aos de um cordeiro fala com a voz de um dragão e 'exerce todo o poder da primeira besta na sua presença'. O espírito de perseguição manifestado pelo paganismo e pelo papado deverá



voltar a ser revelado. A profecia declara que este poder irá dizer 'àqueles que habitam na terra que façam uma imagem à besta'. [...] A formação desta imagem é a obra daquela besta cujo surgimento pacífico e comportamento gentil a tornam num símbolo tão notável dos Estados Unidos.”⁵

A partir de 1885, a serva do Senhor irá fazer várias vezes referência à identidade profética da sua nação. Assim, nos seus *Testemunhos para a Igreja*, ela identificará abertamente os Estados Unidos como sendo a besta da terra de Apocalipse 13. Ela escreveu, por exemplo, o seguinte: “Quando o protestantismo estender a sua mão através do espaço que os separa para agarrar a mão do poder romano, quando ele se estender sobre o abismo para dar as mãos ao espiritismo, quando, sob a influência desta tripla união, o nosso país repudiar todos os princípios da sua Constituição enquanto

governo protestante e republicano e fizer provisão para a propagação das falsidades e enganosa papais, então podemos saber que chegou o tempo para as obras maravilhosas de Satanás e que o fim está próximo.”⁶ E ela acrescenta: “Quando a nossa nação abjurar de tal modo os princípios de governo a ponto de promulgar uma lei dominical, o protestantismo irá, neste ato, dar as mãos ao papado.”⁷

Mas as declarações clássicas de Ellen White sobre o papel profético dos Estados Unidos na crise do tempo do fim encontram-se na obra *O Grande Conflito*, editada em 1888 e reeditada em 1911. Referindo-se à interpretação Adventista do capítulo 13 de Apocalipse, que remontava ao artigo de John Andrews atrás referido, Ellen White escreveu: “Mostrou-se que os Estados Unidos são o poder representado pela besta de chifres semelhantes aos do cordeiro e que esta profecia se cumprirá quando aquela nação impuser a observância do domingo, que Roma alega ser um reconhecimento especial da sua supremacia.”⁸ E ela acrescenta ainda o seguinte: “Através dos dois grandes erros – a imortalidade da alma e a santidade do domingo – Satanás há de enredar o povo nas suas malhas. Enquanto o primeiro lança o fundamento do espiritismo, o último cria um laço de simpatia com Roma. Os protestantes dos Estados Unidos serão os primeiros a estender as mãos através do abismo para apanhar a mão do espiritismo. Estender-se-ão por sobre o abismo para dar as mãos ao poder romano. E, sob a influência desta tríplice união, este país seguirá as pegadas de Roma, desprezando os direitos da consciência.”⁹ Ellen White explica como ocorrerá a profetizada transformação dos Estados Unidos da América. Escreve ela: “Os digni-

tários da Igreja e do Estado unir-se-ão para subornar, persuadir ou forçar todas as classes a honrar o domingo. A falta de autoridade divina será suprida por legislação opressiva. A corrupção política está a destruir o amor à justiça e a consideração para com a verdade. E, mesmo na livre América do Norte, governantes e legisladores, para conseguirem o favor do público, cederão ao pedido popular de uma lei que imponha a observância do domingo. A liberdade de consciência, obtida a tão elevado preço de sacrifício, deixará de ser respeitada.”¹⁰

Segundo a serva do Senhor, a crise do tempo do fim desencadeada pela promulgação do decreto dominical será iniciada pelos Estados Unidos da América, mas rapidamente se espalhará a todo o mundo. Escreve ela: “Ao unir-se a América, a terra da liberdade religiosa, com o papado no processo de forçar a consciência e compelir os homens a honrarem o falso sábado, os povos de todos os países do Globo serão levados a seguir o seu exemplo.”¹¹ Assim, a crise será mundial, alcançando todos os membros do povo de Deus espalhados pelo Globo terrestre. Por isso, Ellen White afirma que “as nações estrangeiras irão seguir o exemplo dos Estados Unidos. Embora seja esta nação a liderar, no entanto a mesma crise sobrevirá ao nosso povo em todas as partes do mundo.”¹²

Os textos de Ellen White que citamos aqui corroboram inteiramente a interpretação do símbolo da besta da terra com chifres de cordeiro proposta por John Andrews em 1851. No entanto, em 1851 e mesmo nas duas últimas décadas do século XIX, os Estados Unidos da América não se encontravam em condições de cumprir o papel profético que lhes fora atribuído por John Andrews e Ellen White.



Estados Unidos da América, a superpotência mundial

De facto, em 1851 os Estados Unidos da América haviam declarado a sua independência do Reino Unido há apenas 77 anos e tinham acabado de estender as suas fronteiras até à costa do Pacífico, através da cedência da Califórnia por parte do México. Embora a república norte-americana tivesse começado a afirmar-se como uma potência regional, nomeadamente após a sua vitória sobre o México em 1846, o alcance da sua política estrangeira limitava-se ao continente americano. Os Estados Unidos da América eram então uma potência de segunda categoria. As verdadeiras potências mundiais dessa época eram o Reino Unido e a França. Estas potências administravam impérios transcontinentais e impunham as suas políticas na arena mundial.

Mesmo nas duas últimas décadas do século XIX, época em que Ellen White apresentou as suas profecias sobre o papel dos Estados Unidos no tempo do fim, a república norte-americana começava a emergir na cena política internacional, mas estava longe de ser uma potência capaz de rivalizar com o Reino Unido, a França ou a Alemanha. Depois de terem atravessado uma guerra civil que durou cinco anos (1861-1865), os Estados Unidos começaram a mostrar o seu poder ao derrotar a Espanha na guerra de 1898. Esta vitória sobre uma potência colonial europeia decadente foi um sinal de que os Estados Unidos ambicionavam alcançar uma posição de maior destaque entre as nações do Globo, mas eles continuavam a ser uma potência de segunda ordem.

Assim, os Adventistas do Sétimo Dia do final do século XIX bem se podiam questionar sobre como iriam os Estados Unidos da Améri-

ca poder cumprir o papel profético que lhes era atribuído pela interpretação Adventista de Apocalipse 13 e pelos escritos de Ellen White.

Entretanto, desde o final do século XIX passaram-se cento e treze anos. Hoje os Estados Unidos da América são considerados por todos os analistas políticos como sendo a única superpotência mundial. No entanto, este novo estatuto geopolítico dos Estados Unidos é muito recente. É verdade que a república norte-americana se afirmara como uma superpotência global desde o final da Segunda Guerra Mundial, em 1946. No entanto, desde essa data que a União Soviética tinha também emergido como superpotência. Durante os quarenta anos que durou a Guerra Fria (1950-1990), os Estados Unidos tiveram que enfrentar o desafio persistente dos Soviéticos. No decorrer da Guerra Fria, os Americanos envolveram-se em múltiplas disputas indiretas com os Russos. As mais marcantes foram a guerra da Coreia (1950-1953), em que houve um impasse, a guerra do Vietname (1962-1973), em que os Americanos foram derrotados, e a crise dos mísseis de Cuba (outubro de 1962), em que o mundo se encontrou à beira de uma guerra termonuclear. Assim, durante quarenta anos, os Adventistas do Sétimo Dia continuaram a interrogar-se sobre como poderiam os Estados Unidos conduzir o mundo na imposição de uma lei dominical, quando o comunismo ateu dominava um terço do Globo terrestre. A resposta a esta pergunta surgiu na segunda metade de 1989 e no início de 1990. Com o colapso da superpotência Soviética e dos seus aliados, os Estados Unidos da América apresentaram-se, finalmente, ao mundo como a única superpotência do Planeta. Desde essa data, os Americanos,



sob mandato das Nações Unidas, venceram por duas vezes o Iraque de Saddam Hussein, humilharam a Sérvia, derrotaram os talibans no Afeganistão e declararam guerra aos terroristas da Al-Qaeda. Hoje, os Estados Unidos são, incontestavelmente, a nação mais poderosa da Terra.

O futuro dos Estados Unidos da América

Portanto, nunca como hoje estivemos tão perto de ver cumprida a profecia sobre o papel que os Estados Unidos irão desempenhar no tempo do fim. Para que tal aconteça, falta apenas que se verifique mais uma condição apontada por John Andrews e predita por Ellen White: É necessário que a religião controle o governo norte-americano. Como escreveu Ellen White em *O Grande Conflito*: “Para os Estados Unidos formarem uma imagem da besta, o poder religioso deve dirigir o governo civil a tal ponto que a autoridade do Estado também seja usada pela Igreja para realizar os seus próprios fins.”¹³ Mas, para que este cenário se concretize é necessário ultrapassar um obstáculo final. É preciso que o domínio do humanismo secular sobre a cultura ocidental seja quebrado. Hoje, a América é, em grande parte, uma nação secularizada. O humanismo secular controla os meios de



comunicação de massas, a indústria de entretenimento, o sistema educacional público, a ciência estabelecida e as instituições governamentais. Ele também é a mundividência e o estilo de vida preferido pela maioria do povo americano. A atual liderança política dos Estados Unidos muito dificilmente proporrá qualquer legislação que seja destinada, ainda que remotamente, a impor uma observância religiosa, como será o profetizado decreto dominical. Os humanistas seculares que controlam o governo americano e os restantes aspetos públicos da vida americana nunca permitiriam que tais leis fossem aprovadas e aplicadas. Por isso, podemos interrogar-nos: Como se realizará finalmente a profecia sobre o papel dos Estados Unidos no tempo do fim?

O escritor Adventista Marvin Moore tem uma sugestão, baseada na sua interpretação dos escritos de Ellen White.¹⁴ Segundo ele, a serva do Senhor predisse claramente que, no final dos tempos, uma série contínua e crescente de desastres naturais irá afetar a Terra e, em especial, os Estados Unidos. O caos que provocarão irá levar os habitantes do Planeta, em especial as classes dirigentes, a procurarem uma resposta para a crise mundial. Estes desastres irão de tal forma chocar a Humanidade que a mun-

dividência humanista secular do Ocidente será abandonada em favor de uma visão religiosa do mundo. Crendo que as catástrofes são o resultado da ira de um Deus ofendido e sendo movidos pelo pânico, protestantes, católicos, espíritas e humanistas seculares unir-se-ão para encontrar uma solução. E a solução de emergência será apaziguar Deus através da implementação de um dia de adoração comum a toda a Humanidade. Os Estados Unidos, sendo a nação mais influente do Planeta, conduzirão então todos os países do mundo na implementação da solução encontrada. O decreto dominical emitido pelos Estados Unidos será reproduzido em todo o mundo. Teremos então inaugurado o período dos eventos finais que conduzirão à Segunda Vinda de Cristo.

Não sabemos quanto tempo ainda temos pela frente, até que este cenário se realize. No entanto, sabemos que, nas duas últimas décadas, as catástrofes naturais – cheias, incêndios florestais, abalos de terra, tornados, furacões e tufões – se têm multiplicado consideravelmente. Os Estados Unidos têm sido frequentemente afetados por estes cataclismos naturais. Apenas no ano de 2010 ocorreram 25 grandes cataclismos naturais nos Estados Unidos.¹⁵ A tendência observada nas duas últimas décadas leva a crer que as catástrofes naturais continuarão a multiplicar-se, ocorrendo numa cadência cada vez mais rápida.¹⁶ Resta-nos esperar para ver. No entanto, podemos estar certos de que, assim como a interpretação profética de John Andrews e as profecias de Ellen White sobre a influência global dos Estados Unidos se revelaram extraordinariamente corretas, também os últimos eventos por cumprir se realizarão no seu devido tempo. Não será arriscado dizer

que muito em breve atingiremos o clímax da história do nosso mundo, e poderemos dizer com emoção, ao contemplarmos a glória no rosto de Jesus: “Bendito aquele que vem em nome do Senhor!”

• **Paulo Lima**

Redator da Revista Adventista

1. Para uma breve resenha da vida e obra de John N. Andrews, veja-se C. Mervyn Maxwell, *Tell it to the World – The Story of Seventh-Day Adventists*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 1977, pp. 165-173; “Andrews, John Nevins”, in: Don F. Newfeld (ed.), *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, 2nd rev. ed., Hagerstown: Review and Herald, 1996, 2 vols, vol. 1, pp. 68-69; Everett Dick, *Fundadores da Mensagem*, Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, [s. d.], pp. 223-247.
2. John N. Andrews, “Thoughts on Revelation XIII and XIV”, *Second Advent Review and Sabbath Herald*, vol. 1, nº 11, 19 May 1851, pp. 81-88.
3. Marvin Moore, *Could it Really Happen? Revelation 13 in the Light of History and Current Events*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2007, pp. 96-99.
4. Carta 1, 1875, in Ellen G. White, *Evangelism*, Washington, D.C.: Review and Herald, 1946, p. 236.
5. Ellen G. White, *The Spirit of Prophecy*, Oakland/Battle Creek: Pacific Press/Review and Herald, 1884 [facsimile edition: Hagerstown, MD: Review and Herald, 1969], 4 vols, vol. 4, pp. 277-278.
6. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1943 (ed. orig. 1885), 9 vols, vol. 5, p. 451.
7. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 5, p. 712.
8. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2009, p. 481. Ellen G. White, *The Great Controversy*, Boise, Ida.: Pacific Press, 1950, p. 579.
9. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pp. 489 e 490. Ellen G. White, *The Great Controversy*, p. 588.
10. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 493. Ellen G. White, *The Great Controversy*, p. 592.
11. Ellen G. White, *Testimonies for the Church* (ed. orig. 1900), vol. 6, p. 18.
12. Ellen G. White, *Testimonies for the Church* (ed. orig. 1900), vol. 6, p. 395.
13. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 368. Ellen G. White, *The Great Controversy*, p. 443.
14. Marvin Moore, *The Crisis of the End Time*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 1992, p. 98. Ver também o capítulo “The Season of Calamity”, pp. 73-88.
15. Para uma lista dos desastres naturais ocorridos apenas em 2010 nos Estados Unidos da América, veja-se Wikipedia.org/wiki/category:2010_natural_disasters_in_the_united_states (consultado em 1 de outubro de 2013).
16. Para uma lista dos maiores desastres naturais ocorridos nos últimos cem anos na América do Norte veja-se Wikipedia.org/wiki/list_of_natural_disasters_in_the_united_states (consultado em 1 de outubro de 2013).



Aumentando as nossas entradas em tempo de crise

O pastor que dirigia a reunião daquela tarde falava à congregação sobre algumas das suas experiências pastorais, vividas durante o seu já longo ministério. Todos estávamos atentos e eu, como jovem pastor que estava a finalizar o estágio, encontrava-me particularmente impressionado com as experiências relatadas e com o entusiasmo com que aquele homem de Deus falava da sua vivência pastoral. Mais impressionado fiquei quando ele relatou um episódio pouco ortodoxo que se tinha passado no seu primeiro contacto com uma determinada família que estava a atravessar graves problemas económicos e que se encontrava sem meios para se sustentar e para fazer face aos seus encargos.

Contava o pastor que um irmão da sua igreja o tinha informado de que uma certa família estava a passar por tremendas dificuldades económicas. Aquele irmão tinha entrado em contacto com a família durante o seu trabalho missionário e ficou muito impressionado com as grandes necessidades por que estava a passar. Pediu ao pastor que visitasse o casal, a fim de ver como a igreja poderia ajudar.

Antes de se deslocar para visitar a família em questão, o pastor orou, como fazia habitualmente, para que Deus dirigisse aquela visita e lhe desse discernimento para poder fazer o melhor. Não apenas para suprir as necessidades financeiras do casal, mas igualmente para suprir as suas necessidades espirituais.

Quando chegou a casa da família, deparou-se com um quadro

efetivamente muito complicado do ponto de vista económico. O marido, depois de se ter aberto com o pastor acerca da situação em que se encontravam e acerca da sua falta de meios para poder resolver essa situação, perguntou-lhe se sabia de alguma forma de eles, como família, poderem aumentar os seus rendimentos e, assim, saírem da situação difícil em que estavam. Foi aí que o pastor usou o tal método menos ortodoxo para um primeiro contacto. Voltou-se para aquele homem e disse-lhe que, realmente, conhecia um método para aumentar as suas rendas e que esse método tinha sido indicado por Deus na Bíblia. Leu-lhe então Malaquias 3:10: “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim,

diz os Senhor dos exércitos, se eu não abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança.”

Aquele casal só tinha 200 escudos em casa. “Se bem entendi”, disse o marido, “o dízimo destes 200 escudos são 20 escudos”. Imediatamente prontificou-se a entregar ao pastor esse dinheiro, dizendo-lhe o pastor que seria melhor orarem sobre o assunto e depois logo veriam como aplicar o princípio que Deus estabeleceu na Sua Palavra. No entanto, aquele homem insistiu, dizendo que se era assim que Deus dizia na Bíblia, era assim que eles iam fazer. Entregou, pois, os 20 escudos ao pastor. Este combinou com

confiança que tinham depositado nas Suas promessas. Já não tiveram necessidade de que o pastor e a esposa os auxiliassem no abastecimento da sua despesa.

No Sábado seguinte, apareceram na igreja pela primeira vez, com o dízimo do valor que tinha sido adiantado para o trabalho encomendado. Assim prosseguiram fielmente em devolver a Deus os Seus dízimos e as Suas ofertas até ao dia de hoje, sem nunca mais terem de passar por qualquer tipo de necessidade material, o que pude comprovar junto dessa família no momento em que redigia este artigo.

Aquela família não só encontrou a resposta para o seu problema de falta de entradas financeiras no seu lar, como viu aumentadas as

É quando falham as nossas possibilidades que começam as possibilidades de Deus.

o casal que viria visitá-los no dia seguinte, com a sua esposa, para irem ao supermercado e efetuarem algumas compras para o sustento da família.

Na manhã seguinte, aquela família recebeu a visita de um outro casal, que lhes veio pedir que efetuassem um determinado trabalho para eles. Fizeram questão de adiantar metade do pagamento do mesmo, dizendo que pagariam o restante quando o dito trabalho estivesse concluído. Aquela não era uma prática usual no ramo de trabalho da família, pelo que ficaram profundamente impressionados que tal estivesse a acontecer naquele momento, precisamente depois de terem decidido passar a devolver os seus dízimos e as suas ofertas a Deus. Identificaram esta inesperada situação como a resposta de Deus à

suas rendas, conforme a promessa de Deus, e encontrou a mensagem maravilhosa do Evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo, tendo o casal sido batizado. Esta história mostra que é, porventura, nos momentos de maior dificuldade que Deus pede de cada um de nós uma maior prova de fé.

Ouvir o testemunho da experiência daquele pastor com o casal mencionado foi um momento marcante na minha vida espiritual de jovem pastor, fortalecendo a minha entrega a Deus, a minha confiança n'Ele e a minha resolução de viver uma vida de generosidade sistemática.

Num momento de particular dificuldade na economia australiana, Ellen White falou também sobre a mensagem de Malaquias 3: “Sexta-feira, de manhã, falei sobre a questão de dizimar. Esse assunto

não tem sido apresentado às igrejas como deveria e a negligência, juntamente com a crise financeira, causou acentuada queda nos dízimos no ano passado. Nessa assembleia, foi o assunto cuidadosamente ventilado, reunião após reunião. Certo irmão, homem de nobre aparência, delegado da Tasmânia, dirigiu-se a mim, dizendo: 'Alegro-me em ouvi-la falar, hoje, sobre dizimar. Eu não sabia que essa questão era tão importante. Não mais ousarei negligenciá-la.' Está agora calculando em quanto importava o seu dízimo durante os últimos vinte anos e diz que devolverá todo ele o mais depressa possível, pois não quer que o registro de roubo a Deus, no livro dos Céus, o enfrente no Juízo” (Ellen White, *Conselhos Sobre Mordomia*, CPB, 1998, cap. 20, pp. 96 e 97).

Não são fáceis os momentos que todos estamos a atravessar no nosso país. Mas é quando falham as nossas possibilidades que começam as possibilidades de Deus. Deus convida-nos a “fazer prova”, ou seja, somos convidados por Deus, pelo Senhor dos Exércitos, a enfrentar esta batalha debaixo da Sua direção. Porque não fazermos a prova, a fim de podermos verificar se tal experiência só funciona com os outros ou se pode funcionar também connosco? Deus promete, na Sua Palavra, aumentar as suas rendas, de maneira a que possa fazer face às suas reais necessidades e às necessidades da sua querida família nestes momentos de particular crise. Quem sabe se não chegará assim a poder ser uma bênção de generosidade para outros que possam estar a atravessar dificuldades e que ainda não conhecem esta promessa maravilhosa?! 🌟

• Daniel Vicente
Diretor do Departamento de
Mordomia da UPASD



Conferência sobre Missão Urbana

Dezenas de líderes da Igreja Adventista mundial reuniram-se na sede da Conferência Geral em Silver Spring, Maryland, no começo do Sábado 27 de setembro, para participarem na Conferência sobre Missão Urbana. O secretário executivo da Conferência Geral, G. T. Ng, abriu a sessão apelando ao reforço do ministério em favor das cidades do mundo. “Embora Ellen G. White enfatize os males inerentes à vida nas cidades, ela enfatiza igualmente a necessidade crítica de se implementar missões urbanas”, disse Ng ao se dirigir aos delegados presentes na Conferência. Ng afirmou que a Igreja necessita de resolver a sua relação de amor/ódio com as cidades e com o ministério urbano. Muitos Adventistas do Sétimo Dia apontam para as afirmações de Ellen White sobre os perigos do ambiente urbano, mas Ng lembrou a audiência, composta por mais de 200 líderes, de que a serva do Senhor levou décadas a incentivar os líderes da Igreja

para que se penetrasse nas áreas urbanas, de forma a empreender aí trabalho evangelístico.

Fazendo notar que Ellen White apelou para que fossem empregues uma grande diversidade de métodos para se alcançar com o Evangelho os habitantes das cidades, Ng sorriu e afirmou, perante uma sala repleta de pregadores: “Sinto que nós pregamos de mais!” Embora a maior parte dos esforços para começar ministérios de evangelização das cidades se foque em grandes eventos de pregação pública, Ng incentivou os pastores presentes a planear atividades mais diversificadas, ainda que menos ambiciosas. Esta Conferência sobre Missão Urbana decorreu durante quatro dias e colocou o seu foco sobre estratégias para a penetração evangelística das grandes cidades.

AR/RA

As três Divisões europeias planeiam projeto de publicações em comum

Mais de 38 países marcaram presença no *Tri-Division Publishing Advisory*. O nosso país esteve representado pelo responsável das Publicações em Portugal, Artur Guimarães. Estiveram ainda presentes os diretores das Publicações e das Casas Publicadoras dos países que integram as Divisões Inter-Europeia, Trans-Europeia e Euro-Asiática. O encontro juntou mais de 95 participantes em Belgrado, capital da Sérvia.

Este *Advisory* (órgão consultivo da Igreja Adventista mundial) serviu para a apresentação dos relatórios das Publicações de cada uma das divisões representadas. Delbert Baker, vice-presidente da Conferência Geral, não escondeu a sua satisfação ao apresentar o relatório do projeto “O Grande Conflito”.

Este ambicioso plano evangelístico, que levou à publicação e divulgação do livro *O Grande Conflito*, de Ellen White, resultou num total de 120 milhões de cópias distribuídas em todo o mundo.

Wilmar Hirle, pastor brasileiro e diretor-associado do Departamento de Publicações da Conferência Geral, apresentou alguns projetos para o ano de 2014. Segundo o responsável, o próximo ano será dedicado à literatura evangelística. É vontade da direção da Igreja Adventista Mundial que o terceiro Sábado de abril de cada ano seja dedicado à distribuição de livros missionários. O prazo deste projeto é curto, segundo Wilmar Hirle, porque “será só até Jesus voltar”.

Ad7/News/RA

As estatísticas revelam um grande desafio para a Missão Adventista

Durante a Conferência sobre Missão Urbana, realizada de 27 a 30 de setembro, na sede mundial da Igreja Adventista em Silver Spring, Maryland, 200 líderes da Igreja foram informados de que, embora a Igreja Adventista do Sétimo Dia tenha melhorado muito o *ratio* do número de membros da Igreja em relação aos habitantes da Terra – de 1 Adventista em 360 000 seres humanos em 1863 para 1 Adventista em 396 seres humanos em 2013 –, existem ainda grandes desafios missionários em muitos países do Médio Oriente e da Ásia. Citando a

falta de penetração da Igreja Adventista em muitas das principais cidades do Médio Oriente, do Norte de África, da China, da Índia e de outras partes da janela 10/40, Rick McEdward, diretor dos Centros da Missão Global da Igreja, disse: “Nós temos um grande problema geográfico nestas regiões.”

Entre os especialistas da Missão, a janela 10/40 é definida como um retângulo geográfico no hemisfério oriental que se situa entre os paralelos de latitude 10 e 40 e onde reside mais de 60% da população mundial. A grande maioria destes seres

humanos ainda não ouviu a mensagem do Evangelho. Das 500 cidades do mundo com mais de um milhão de habitantes, 236 situam-se na janela 10/40.

Os delegados presentes na Conferência, incluindo líderes de cada uma das 13 Divisões mundiais da Igreja, foram informados de que existe 1 Cristão Adventista para cada 65 000 pessoas no Médio Oriente e Norte de África. Este é um dos mais desequilibrados *ratios* estatísticos da nossa Igreja. Rick McEdward disse que há 126 áreas urbanas com uma população de 1 milhão ou

mais em que existem apenas 125, ou menos, Adventistas. Em 33 destas áreas urbanas não existem Adventistas do Sétimo Dia. E todas as cidades com mais de 5 milhões de habitantes que ainda não foram alcançadas com o Evangelho situam-se em países que têm o Islão como religião dominante.

Estas estatísticas foram apresentadas durante a Conferência sobre Missão Urbana, um evento organizado para encontrar estratégias, de modo a que a Igreja Adventista do Sétimo Dia possa completar a tarefa de evangelizar o mundo.

AR/RA

AUD

Quatro novas Uniões criadas na Divisão Centro-Oeste Africana

A Divisão Centro-Oeste Africana da Igreja Adventista do Sétimo Dia irá criar este ano quatro novas unidades administrativas com o estatuto de União, uma ação que aponta para o notável crescimento em membros na região e que indica a necessidade de um planeamento estratégico mais afinado para os campos locais. Esta ação, que se concretizará a 31 de dezembro de 2013, inclui a criação de novas Uniões no Gana, nos Camarões e na Nigéria, bem como a divisão da União Missão do Sahel em dois territórios. A União Associação do Gana reporta cerca de 397 000 membros, o que é mais do que a soma total do número de membros das duas Divisões Europeias. A presente União do Gana é uma União Associação, o que significa que é autossustentada tanto ao nível financeiro, como ao nível da liderança. As Uniões classificadas como Uniões Missões dependem de subsídios da Conferência Geral. Atualmente, o Gana tem a única União Associação da Divisão. Com a nova organização, a estrutura Adventista no Gana será dividida, dando origem à União Associação do Sul do Gana, sediada na cidade de Accra, e à União Missão do Norte do Gana, baseada na cidade de Kumasi. Na Nigéria, o país mais populoso de África, as duas Uniões Missões da Igreja Adventista

nesse país transformar-se-ão em três Uniões, sendo uma delas uma União Associação. A atual União Missão do Norte-Oeste da Nigéria, baseada na cidade de Ikeja, no Estado de Lagos, irá dividir-se para se tornar numa União Missão no Norte e numa União Associação no Sul. No território do norte desta região a Igreja irá criar a União Missão do Norte da Nigéria, sediada em Abuja, no território da capital federal. Na parte sudoeste do país, a Igreja irá criar a União Missão do Oeste da Nigéria, com o quartel general em Maryland, Lagos. A União Missão da África Central, agora sediada em Yaoundé, nos Camarões, irá transferir a sua sede para Bangui, na República Centro-Africana, permitindo que a nova União Missão dos Camarões passe a operar a partir de Yaoundé. Finalmente, a União Missão do Sahel, agora baseada em Lomé, Togo, transformar-se-á em duas Uniões Missões: a União Missão do Sahel Oriental, sediada em Lomé, e a União Missão do Sahel Ocidental, com sede em Dakar, Senegal.

A Divisão Centro-Oeste Africana, sediada em Abidjan, na Costa do Marfim, conta com cerca de 866 000 membros. Tem presentemente seis Uniões. A reorganização que se irá efetuar fará com que a Divisão passe a contar com dez Uniões.

ANN/RA

NOTÍCIAS NACIONAIS

UPASD

Encontro 60+

Foi na Pousada da Juventude de Alfeizerão, em S. Martinho do Porto, que tivemos este ano, entre os dias 11 e 13 de ou-



tubro, o habitual Encontro 60+. Quatro dezenas de participantes desfrutaram de

momentos de louvor e oração, de mensagens espirituais e de alegre confraternização. A Dra. Cristina Dias, formada em Psicologia, foi a convidada para o Encontro, trazendo-nos excelentes mensagens de reflexão sobre o tema da solidão. Submeter a ciência humana da Psicologia ao ensino da Palavra de Deus foi o segredo do êxito das suas mensagens. Louvado seja Deus pelo magnífico fim de semana que nos proporcionou e pelo facto de regressarmos a casa com a nossa confiança em Deus renovada.

Pra. Milu Cordeiro
Diretora do Dep. dos Ministérios da Família

ACNAC Famílias 2013

“Viver + famílias saudáveis” foi o tema do ACNAC de Famílias deste ano. Para a realização deste Acampamento tivemos a especial colaboração do Departamento de Saúde e Temperança da UPASD



e da Associação Portuguesa de Medicina Preventiva (APMP). Durante dez dias desfrutámos de um programa NEWSTART especial. O exercício físico, a alimentação saudável, as meditações espirituais e as reuniões de formação certamente nos ajudaram a termos famílias mais saudáveis. Agradecemos a Deus pelo extraordinário espírito de serviço que o Pr. Daniel Bastos, a Dra. Marianne Ferreira e o Dr. Viriato Ferreira demonstraram, bem como todos os seus colaboradores e familiares. Deus fez-Se



presente neste encontro entre famílias e por isso partimos com o coração grato a Deus pelas preciosas bênçãos derramadas neste Acampamento.

Pra. Milu Cordeiro
Diretora do Dep. dos Ministérios da Família

Participação portuguesa no projeto “Luanda para Cristo”

O Dr. Tiago Alves, diretor do Departamento de Educação da UPASD e presidente da Associação de Universitários Adventistas (AUA), esteve recentemente em Angola, juntamente com três jovens universitários portugueses, para participar no projeto “Luanda para Cristo... Esperança para Angola”. Este é o grande projeto evangelístico da Divisão Sul-Africana e Oceano Índico para este ano de 2013. A cidade escolhida foi Luanda e o objetivo é chegar a um milhão de almas para Cristo. Este projeto tem recebido contributos diversos, tendo a União Portuguesa, através do Departamento de Educação e da AUA, colaborado em parceria com os seguintes ministérios de apoio: *Share Him*, *Quiet Hour* e *Amazing Facts*.

Os três jovens portugueses levaram a cabo uma Campanha Evangelística de 16 noites consecutivas. Foram várias as experiências vividas que marcaram a participação portuguesa. A igreja esteve sempre completamente lotada, a ponto dos oficiais de igreja terem decidido que a campanha deveria continuar ao ar livre. Nos dois Sábados de manhã, a pregação teve uma audiência de 3500 membros e visitas e a história infantil foi contada a perto de 1000 crianças. No final da campanha houve o batismo de mais de 50 novos crentes.

Para o futuro, o Departamento de Educação e a AUA continuarão atentos e abraçarão outras iniciativas como esta, em parcerias diversas, permitindo assim



que os jovens universitários Adventistas vivam a experiência de servir o Mestre, seja no nosso país, seja noutros lugares do mundo.

Ad7News/RA

Descansou no Senhor

Vila Nova de Monsarros



O nosso querido irmão Abílio Branquinho Lopes terminou o seu trajeto nesta Terra no dia 7 de outubro de 2013. Contava 85 anos. A sua vida testemunhou da sua profunda dedicação à família e à Igreja. A simpatia que irradiava, a jovialidade que o mantinha integrado sempre entre os mais novos e o amor ao próximo que o impulsionou a colaborar com a ADRA de Vila Nova de Monsarros deixam-nos saudades. Mas, assim, é ainda maior o nosso desejo de o rever quando Jesus voltar. Agradecemos as palavras de conforto de todos os que partilham esta mesma esperança.

Jorge Branquinho

Evangelismo Pessoal

TRANSFORME O SEU LAR NUMA IGREJA!

Uma Hora com
a Sua Bíblia

Crenças
Adventistas
para Crianças



Visite

evangelismo.adventistas.org.pt

Passa Isto Adiante

“Então, o que há de novo na Igreja?”

Esta pergunta é tão comum que se parece com o papel de parede bege que cobre uma centena de quartos de hotel. Em todos os continentes, em qualquer clima, em almoços-conívio e em reuniões de oração, alguém se debruça sobre a mesa e pergunta-me num tom de conspiração: “Então, o que há de novo na Igreja?”

Eu sorrio sempre, mesmo quando o que é novidade não é alegre. O meu interlocutor usualmente pretende informação em primeira mão – uma história sobre alguém na liderança; uma predição sobre como decorrerá alguma iniciativa da Igreja; uma percepção das tendências atuais entre os decisores. Eu sorrio porque sei que a minha resposta irá provavelmente desapontar aqueles que estão em busca de mexericos sumarentos ou de gulodices administrativas.

Eis uma parte do que eu lhes respondo:

Os crentes estão a orar mais. As evidências são inequívocas. A explosão de equipas dos ministérios de oração em congregações e Associações e a focalização crescente na oração de intercessão nos púlpitos, em artigos e em seminários, apontam para uma crescente ênfase, no Adventismo, tanto sobre a oração partilhada como sobre a oração pessoal. Isto apenas pode significar boas notícias para um povo remanescente que busca o reavivamento e para um movimento que se prepara para desempenhar um papel essencial no tempo do fim à nossa

frente. Há apenas uma década, os convites para orarmos com outros crentes eram frequentemente respondidos com um silêncio de pedra ou com um acanhamento embaraçado. Hoje há quase sempre uma resposta ávida e um brilho no olhar que assegura eloquentemente: “Estou tão contente por me teres pedido para orar contigo!”

Os crentes estão a ouvir mais o Espírito. Nós, os Adventistas, sempre nos orgulhámos tranquilamente de praticar uma fé racional, na qual assumimos que os caminhos de Deus e os métodos da lógica são indubitavelmente idênticos. No entanto, retraímos-nos perante muitas histórias bíblicas em que o Espírito Santo penetra nos costumeiros modos de agir com nova informação, novas direções e novas expectativas sobre o que significa ser obediente. Mas eu sinto-me encorajado por uma centena de histórias que me foram contadas nos últimos meses, as quais partilham uma mesma crença: “Eu ouvi o Espírito falar ao meu coração e, pela primeira vez em muito tempo, Bill, eu ouvi e obedeci.” O que se segue é quase sempre o mesmo – uma gratidão profunda e orante pela alegria que traz a obediência conduzida pelo Espírito e um maravilhamento em descobrir que as indicações do Espírito Santo conduzem a um renovado testemunho, a novas relações e à vida abundante que Jesus prometeu dar-nos.

Os crentes estão a servir mais. Embora poucas congregações Adventistas Norte-Americanas ainda contabilizem as peças de

roupa distribuídas ou os folhetos discretamente introduzidos nas portas, estão a crescer as provas de que mais Adventistas estão a viver a sua fé de maneiras que contam seguramente para a edificação do Reino de Deus. Doação de sangue, angariação de fundos para grupos beneficentes, participação em cantinas comunitárias de serviço aos pobres – tudo isto vem juntar-se a uma ênfase renovada em experiências obtidas em missões de curto-prazo e em esforços evangelísticos conduzidos por leigos, o que aponta para o surgimento de um Adventismo mais ativo nesta geração. O objetivo não é – e nunca foi – que todos façamos as mesmas coisas, mas sim que cada um de nós faça algo para o Reino, cada dia que passa. O crescente comprometimento com “os menores destes meus irmãos” – alimentá-los, abrigá-los, educá-los, partilhar Jesus com eles – é um dos mais admiráveis desenvolvimentos recentes na Igreja de Deus.

Seja o que for que estas “novas coisas” percam em valor de mexerico e excitação, elas mais do que compensam enquanto evidência impressionante da atuação do Espírito na Igreja. Com todos os nossos falhanços, com toda a nossa lentidão para crer, a Sua Igreja não deixou de ser a menina dos Seus olhos, “o único objeto sobre o qual Deus concede, em sentido especial, a Sua suprema atenção. É o cenário da Sua graça, na qual Se alegra em revelar o Seu poder de transformar corações” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, P. SerVir, 2008, p. 11).

Espalhem estas boas-novas – e vejam o mundo ser transformado! ✨

• **Bill Knott**

Editor da Adventist Review



A m5t3mát1c5 de Deus

7ª
parte

Prosseguindo a Contagem

No último artigo discutimos o significado espiritual do uso bíblico dos números Treze a Vinte e Um. Este mês vamos continuar a nossa contagem e procurar lições espirituais na sequência de números que se situam entre Vinte e Dois e Trinta e Nove.

A maior parte dos números neste grupo adquire significado por ser a “enésima” vez que é mencionado num certo livro da Bíblia. Não me sinto muito confortável com esse método, por isso evitei utilizar essas interpretações.

Outra forma de interpretar estes números tem que ver com operações numéricas que, apesar de eu reconhecer que não são uma base sólida para interpretar a Bíblia, se prestam a lições espirituais que me parecem válidas. Utilizei em alguns casos esta forma de interpretar os números Bíblicos. Um primeiro exemplo é o número Vinte e Dois, abordado em seguida.

Vinte e Dois – Número da luz¹

Este número pode ser obtido por adição do número Catorze, que significa salvação,² ao número Oito, que simboliza o novo nascimento,³ resultando num símbolo do que Paulo chama os “Filhos da luz” (I Tessalonicenses 5:5).

Em Mateus 5:15 e 16, Jesus menciona que devemos colocar a nossa luz bem visível. Algumas ver-

sões utilizam aqui a palavra “candelabro”. Normalmente pensamos no candelabro tradicional judaico como tendo sete braços com sete taças ou sete lâmpadas, conforme as figuras neste artigo. Mas, se ler-



É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e verificar o que estes podem significar para a nossa fé.

mos o texto de Êxodo 25:31-34, em que são dadas as instruções para a construção do candelabro que seria colocado no lugar santo, concluímos que o candelabro do Santuário era bastante diferente destas imagens tradicionais.

O candelabro descrito em Êxodo possuía exatamente vinte e duas taças ou lâmpadas, em lugar das sete taças ou lâmpadas dos candelabros tradicionais. Tinha três ramos de cada lado, cada um com três taças, e depois quatro taças no próprio candelabro. Se fizermos as contas, descobrimos que 2×3 ramos \times 3 taças em cada ramo + 4 taças no corpo do candelabro = 22



taças. Assim, Vinte e Dois é exatamente o número associado à luz espiritual. O candelabro no Santuário deveria ser mais semelhante ao candelabro da figura seguinte.



Vinte e Três – Número da morte

Em Romanos 1:28-32 são mencionados vinte e três atos que tornam “os que os praticam” “dignos de morte”. São eles: “Iniquidade, fornicação, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia.”

Note que a condenação vem “não somente” para os que “praticam estas coisas, mas também” para os que “consentem aos que as fazem”.

Vinte e Quatro – Número do sacerdócio

Este número é tão utilizado que, por si só, dava para escrever um artigo inteiro. Conforme relatado em I Crônicas 24, o sacerdócio foi distribuído entre os dois filhos de Aarão, após a morte de Nadabe e Abiú. No reinado de David, os sacerdotes foram organizados em vinte e quatro ordens. Dezasseis da descendência de Eleazar e oito da descendência de Itamar, ambos filhos de Aarão. Voltamos a encontrar este número nos vinte e quatro anciãos presentes na cena de entronização do Cordeiro descrita em Apocalipse 4.



Vinte e Cinco – Número do Perdão dos Pecados

Os Levitas iniciavam o seu ministério no Santuário quando tinham vinte e cinco anos (Números 8:24). Se Cinco é o símbolo do homem completo⁴ (Homem: 4 + Deus: 1), Vinte e Cinco, obtido ao se elevar Cinco ao quadrado, é o símbolo do homem completo e perdoado.

Vinte e Seis – Número do Evangelho

I Coríntios 15:4 fala da morte de Jesus e da Sua ressurreição após três dias. Somando Vinte e Três – que simboliza a morte – com Três, obtemos o número Vinte e Seis. No que considero ser apenas uma coincidência, mas uma coincidência bastante curiosa, João 3:16 possui exatamente vinte e seis palavras na sua versão original em Grego.⁵

Vinte e Sete – Número da pregação do Evangelho

Este é um número bastante raro na Bíblia. A associação que é feita,⁶ recorrendo a operações matemáticas, é a de somarmos o número Dezassete⁷ – símbolo de vitória – com o número Dez – símbolo da Lei –, resultando como total o número Vinte e Sete.

Vinte e Oito – Número associado ao anseio pela Eternidade

Para este número existem várias interpretações de diferentes autores.⁸ Mas a forma como eu compreendo este número concilia várias dessas opiniões e permite-nos vislumbrar um significado espiritual forte. Em Eclesiastes 3:1-8, o sábio afirma que “para tudo há uma ocasião, e um tempo para cada propósito debaixo do céu”, identificando exatamente vinte e oito tipos de “ocasiões” na vida do crente. Convido o leitor a estudar o resto do Capítulo 3 de Eclesiastes e a verificar como Deus nos convida a usarmos o nosso tempo nesta Terra, mas a reconhecermos, ao mesmo tempo, o anseio pela eternidade que Ele colocou no nosso coração.

(Ver tabela na pág. seguinte.)

Vinte e Nove – Número da saída ou da partida

Não é um número muito frequente na Bíblia. As únicas associações que encontrei têm a ver com a vigésima nona vez que certos personagens são mencionados na Bíblia, o que, como expliquei no início deste artigo, não me convence enquanto forma de interpretação.

	Tempo de ...	E tempo de ...
1	nascer	morrer
2	plantar	arrancar o que se plantou
3	matar	curar
4	derrubar	construir
5	chorar	rir
6	prantear	dançar
7	aspalhar pedras	ajuntar pedras
8	abraçar	de se conter
9	procurar	desistir
10	guardar	lançar fora
11	rasgar	costurar
12	calar	falar
13	amar	odiar
14	lutar	viver em paz

Trinta – Número do sangue de Cristo e símbolo de dedicação

Há dois significados atribuídos a este número. A associação com o sangue de Cristo diz respeito às trinta moedas de prata que serviram de pagamento pelos “serviços” de Judas na traição de Jesus (Mateus 26:14 e 15) e que os próprios Sacerdotes, na sua hipocrisia, decidiram não colocar no tesouro do Templo por ser “preço de sangue” (Mateus 27:6). O número Trinta, como símbolo de dedicação, pode ser encontrado no facto de que, tanto o ministério de Cristo, como o de João Batista, se iniciou quando eles tinham trinta anos. Também José tinha esta idade quando “começou a servir o faraó, rei do Egito”(Gênesis 41:46) e David tinha esta mesma idade quando assumiu o trono de Israel (II Samuel 5:4). Finalmente, esta era a idade em que os Sacerdotes assumiam as suas funções na totalidade (Números 4:24).

Trinta e Um – Número da descendência e da virtude

Mais um número bastante raro, que apenas é mencionado dezasseis vezes na Bíblia. Os autores consultados associam este número à descendência, porque, em várias ocasiões em que personagens são mencionados para trigésima primeira vez, os textos estão associados à descendência, mas a mim parece-me ser mais interessante falar das trinta e uma virtudes da mulher exemplar mencionadas em Provérbios 31. Se as mulheres do Século XXI adaptarem para a sua época as virtudes que a Bíblia exaltava no século IX a.C., a mesma promessa que foi feita às mulheres do século IX a.C. estará ao seu alcance: “Levantam-se seus filhos e chamam-na bem-aventurada” (Provérbios 31:28). E assim temos a relação entre as virtudes e a descendência representadas pelo número Trinta e Um.

Trinta e Dois – Número da Aliança

Há trinta e duas referências, em Deuterónimo, à Aliança de Deus com Abraão. Na trigésima segunda vez que o nome de Noé é referido em Gênesis, Deus estabelece uma Aliança com ele (Gênesis 9:8 e 9).

Trinta e Três – Número da promessa

É bem conhecida a idade do Senhor Jesus quando foi crucificado. Ora, nós sabemos que n'Ele temos a promessa da Vida Eterna.

Trinta e Quatro – Número sem qualquer associação

Este número é apenas utilizado uma vez na Bíblia. Todas as associações que encontrei para este número se baseiam simplesmente na quantidade de vezes que certo personagem aparece no relato Bíblico, o que me parece pouco sólido.

37 x	1	37
	2	74
	3	111
	4	148
	5	185
	6	222
	7	259
	8	296
	9	333
	10	370
	11	407
	12	444
	13	481
	14	518
	15	555
	16	592
	17	629
	18	666
	19	703
	20	740
	21	777
	22	814
	23	851
	24	888
	25	925
	26	962
	27	999

Trinta e Cinco – Número da Esperança

Apenas quero utilizar este número como pretexto para mencionar um dos meus textos preferidos da Bíblia, que encontramos em I Coríntios 13 e que termina com a frase: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor” (I Coríntios 13:13). Por curiosidade, se somarmos o valor associado ao amor (Dezasseis) ao valor associado à fé (Dezanove), obtemos Trinta e Cinco, razão pela qual este número é associado à esperança.

Trinta e Seis – Número do inimigo

Mais cálculos são exigidos para se chegar à conclusão de que Trinta



taças. Assim, Vinte e Dois é exatamente o número associado à luz espiritual. O candelabro no Santuário deveria ser mais semelhante ao candelabro da figura seguinte.



Vinte e Três – Número da morte

Em Romanos 1:28-32 são mencionados vinte e três atos que tornam “os que os praticam” “dignos de morte”. São eles: “Iniquidade, fornicção, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; néscios, infieis nos contratos, sem afeição natural, irconciliáveis, sem misericórdia.”

Note que a condenação vem “não somente” para os que “praticam estas coisas, mas também” para os que “consentem aos que as fazem”.

Vinte e Quatro – Número do sacerdócio

Este número é tão utilizado que, por si só, dava para escrever um artigo inteiro. Conforme relatado em I Crônicas 24, o sacerdócio foi distribuído entre os dois filhos de Aarão, após a morte de Nadabe e Abiú. No reinado de David, os sacerdotes foram organizados em vinte e quatro ordens. Dezasseis da descendência de Eleazar e oito da descendência de Itamar, ambos filhos de Aarão. Voltamos a encontrar este número nos vinte e quatro anciãos presentes na cena de entronização do Cordeiro descrita em Apocalipse 4.

Vinte e Cinco – Número do Perdão dos Pecados

Os Levitas iniciavam o seu ministério no Santuário quando tinham vinte e cinco anos (Números 8:24). Se Cinco é o símbolo do homem completo⁴ (Homem: 4 + Deus: 1), Vinte e Cinco, obtido ao se elevar Cinco ao quadrado, é o símbolo do homem completo e perdoado.

Vinte e Seis – Número do Evangelho

I Coríntios 15:4 fala da morte de Jesus e da Sua ressurreição após três dias. Somando Vinte e Três – que simboliza a morte – com Três, obtemos o número Vinte e Seis. No que considero ser apenas uma coincidência, mas uma coincidência bastante curiosa, João 3:16 possui exatamente vinte e seis palavras na sua versão original em Grego.⁵

Vinte e Sete – Número da pregação do Evangelho

Este é um número bastante raro na Bíblia. A associação que é feita,⁶ recorrendo a operações matemáticas, é a de somarmos o número Dezassete⁷ – símbolo de vitória – com o número Dez – símbolo da Lei –, resultando como total o número Vinte e Sete.



Vinte e Oito – Número associado ao anseio pela Eternidade

Para este número existem várias interpretações de diferentes autores.⁸ Mas a forma como eu compreendo este número concilia várias dessas opiniões e permite-nos vislumbrar um significado espiritual forte. Em Eclesiastes 3:1-8, o sábio afirma que “para tudo há uma ocasião, e um tempo para cada propósito debaixo do céu”, identificando exatamente vinte e oito tipos de “ocasiões” na vida do crente. Convido o leitor a estudar o resto do Capítulo 3 de Eclesiastes e a verificar como Deus nos convida a usarmos o nosso tempo nesta Terra, mas a reconhecermos, ao mesmo tempo, o anseio pela eternidade que Ele colocou no nosso coração.

(Ver tabela na pág. seguinte.)

Vinte e Nove – Número da saída ou da partida

Não é um número muito frequente na Bíblia. As únicas associações que encontrei têm a ver com a vigésima nona vez que certos personagens são mencionados na Bíblia, o que, como expliquei no início deste artigo, não me convence enquanto forma de interpretação.

As Surpresas de Deus

Há momentos em que Deus nos surpreende ao fazer algo inesperado, algo espantoso. Considere a experiência da Igreja Apostólica em Atos 12.

O déspota Herodes matou Tiago, irmão de João, e atirou com Pedro para a prisão (versículos 2 e 3). A Escritura regista o seguinte: “Pedro, pois, era guardado na prisão; mas a igreja fazia contínua oração por ele a Deus” (versículo 5). A Igreja do Novo Testamento reconhecia a seriedade da situação. Sem uma intervenção divina, o destino de Pedro estava selado.

Em resposta à sua intercessão, Deus enviou um anjo para salvar Pedro. Ao comentar o papel dos anjos e as respostas de Deus à oração, Ellen White faz notar o seguinte: “Anjos ministradores aguardam ao pé do trono para obedecerem instantaneamente ao mandato de Jesus Cristo no sentido de responderem a cada oração oferecida com fé fervorosa e viva” (Ellen White, *Mensagens Escolhidas*, CPB, 1967, livro 2, p. 377). Que pensamento espantoso! À medida que as nossas orações ascendem ao Céu, Jesus comissiona anjos para responderem às nossas petições fervorosas. Anjos, poderosos em força e cheios de sabedoria, são nossos aliados na luta entre o Bem e o Mal.

Pedro ficou espantado quando um anjo lhe tocou e disse: “Levante-te depressa!” (versículo 7). Ele ficou espantado quando as cadeias que o acorrentavam a dois guardas romanos caíram dos seus pulsos (versículo 7). Ele ficou espantado quando o anjo o guiou e o fez passar ao lado dos guardas adormecidos e quando o enorme portão de ferro que dava

para a cidade se abriu miraculosamente (versículo 10). Estes eventos sobrenaturais eram a prova incontestável de que Deus tinha enviado o Seu anjo salvador.

A história termina com Pedro a chegar à porta da casa onde os discípulos estavam a orar, e com a sua batida insistente a capturar a atenção dos discípulos que oravam.

Uma jovem chamada Rhoda foi atender. Quando ouviu a voz de Pedro, ficou de tal modo contente que deixou a porta por abrir. Em vez disso, correu para o interior da casa para contar aos outros sobre esta miraculosa resposta à oração. A resposta deles é surpreendente. Eles estavam a orar pela libertação de Pedro; eles estavam a buscar Deus para que Ele fizesse um milagre; mas não tinham fé suficiente para crer que Pedro estava efetivamente à porta. A sua resposta a Rhoda é clássica: “Estás fora de ti!” (versículo 15). Deus tinha feito um milagre e eles, ainda assim, não acreditavam. A evidência estava diante dos seus olhos e eles, mesmo assim, questionavam.

Esta história tem, pelo menos, três lições vitais para o povo de Deus dos últimos dias.

Primeiro, quando a Igreja ora, algo acontece que não aconteceria caso não orássemos. Poder fora de série fica disponível quando os membros da Igreja estão de joelhos em busca de Deus. A oração não é simplesmente um ritual para nos fazer sentir bem. Na controvérsia entre o Bem e o Mal, ela permite a Deus entrar na arena dos assuntos humanos e fazer milagres. Uma congregação local que coloca a sua prioridade na oração torna-se espiritualmente

viva. Piedade vital corre através da corrente das suas veias. Sem oração e uma íntima conexão com Deus, a Igreja pode facilmente ficar fria, formal e tornar-se irrelevante.

Segundo, não precisamos de possuir fé sobre-humana para receber resposta às nossas orações. A fé é um dom de Deus (Romanos 12:3). Quando exercemos a fé que Deus já colocou no nosso coração, por mais pequena que seja, essa fé crescerá. Deus trabalha, apesar da nossa fraqueza humana. À medida que nos achegamos a Ele com as limitações da nossa fragilidade humana, confiando na Sua bondade, Ele trabalhará de modos que nós nem sequer imaginamos.

Terceiro, Deus faz os Seus milagres na nossa vida todos os dias. Ele responde às nossas orações de modos em que nem nos damos conta. Inicialmente, Pedro não reconheceu a extraordinária obra de Deus em salvá-lo. Os discípulos que oravam, ficaram confusos quando Rhoda declarou, entusiasmada, que Pedro estava à porta. A sua fé não compreendeu a realidade da oração atendida. Por um momento, ficaram cegos diante do maravilhoso milagre de Deus.

Talvez Deus esteja a dizer-nos algo aqui. Será que respostas despercebidas à oração se encontram ao nosso redor? Será possível que Deus esteja a agir na nossa vida e na vida da nossa família, mas a nossa visão é fraca e a nossa compreensão está embotada?

Porque não parar, agora mesmo, por um momento e considerar o que Deus está a fazer na sua vida? Você poderá ficar espantado, porque, afinal, Deus é um Deus tremendo, multiplicando-Se em surpresas para aqueles que têm olhos para as ver. ♣

• **Mark Finley**
Evangelista

Ursinhos famosos

Não há nenhum boneco de peluche mais conhecido do que o famoso ursinho, não achas? Todos já tivemos um ursinho destes, que nos foi oferecido por alguém para mostrar que gosta de nós. Sabes qual a origem deste símbolo de afeto? No início do século passado, os Estados Unidos da América tinham um Presidente, chamado Theodore Roosevelt, que gostava muito de caçar. Ora, o Teddy, como lhe chamavam, numa certa caçada, surpreendeu os seus companheiros. Eles tinham conseguido encurralar um urso na floresta e incentivaram-no a disparar a sua arma sobre ele. Só que o Presidente percebeu que o animal estava ferido, fraco e assustado. Então teve tanta pena, que decidiu não o matar. E assim terminou o dia de caça.

A história saiu num jornal e tornou-se conhecida por todo o país. Até que o dono de uma loja de doces e papelaria pediu permissão para comercializar ursinhos de peluche com o nome Teddy, em honra à bondade do Presidente. E assim nasceram os carinhosos *Teddy Bears*, de que tanto gostamos. Mais tarde, este homem de negócios, graças ao sucesso da sua ideia, tornou-se no dono de uma fábrica de brinquedos. Já pensaste? Hoje, milhões de pessoas oferecem ursinhos como manifestação de carinho, porque, um dia, um homem poderoso mostrou misericórdia e respeito pelo sofrimento de um animal. Um ato de bondade é o que mais sensibiliza o coração. Mesmo que beneficie só uma criatura, é sentido por todos os que o conhecem.



Olá, Amiguinho!

Aqui tens sugestões para a tua agenda. Completa-a com as tuas ideias.

nov 2013 Agenda

domingo	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado
27	28	29	30	31	1 José (Mateus 1:18-25; 2:13-23)	2 Oseias 6:6 Desenha uma parábola da Bíblia.
Jeremias 17:10	II Crónicas 34:33 Brincar com os meus irmãos.	Salmo 84:11	Atos 21:14	Deuterónimo 6:16 	Os Magos (Mateus 2) Estuda a lição da Escola Sabatina.	II Coríntios 1:5 Alimenta um animal abandonado.
3	4	5	6	7	8	9
Salmo 7:9	Salmo 30:5 Limpar o meu armário.	Salmo 119:63	Salmo 11:1 Ler um livro.	João 10:9 	Os Fariseus (Mateus 12:1-45)	Gálatas 3:28 Acorda cedo este Sábado.
10	11	12	13	14	15	16
II Timóteo 4:7	II Samuel 22:36	Daniel 3:17 	Provérbios 22:9	Gálatas 4:5 Arruma o teu quarto sem te pedirem.	Os Saduceus (Mateus 22:23-46)	Eféssios 1:13 Chega cedo à igreja.
17	18	19	20	21	22	23
Marcos 9:24	Salmo 18:35 	Gálatas 5:5	II Tessalonicenses 3:16	Salmo 69:32	Pedro (Mateus 26:20-75; I Pedro 1 e 2)	Ezequiel 36:26 Ora pelo Pastor da tua igreja.
24	25	26	27	28	29	30

Vamos ler, todas as semanas, a história de um personagem da Bíblia que conhecemos ou de que ainda não temos ouvido falar. Podes pedir ajuda aos teus pais ou aos teus irmãos mais velhos, para lerem este texto contigo e aprenderem mais sobre estas pessoas. Boa leitura!

A Nova Terra em Construção

Quando viajo de avião fico sentada, sempre que posso, num lugar junto à janela. Arrumo os meus sacos de viagem, aperto o cinto e foco a minha atenção nas paisagens e nas nuvens que cercam o avião. Planícies com plantações de algodão transformam-se em desfiladeiros vermelhos e raios de Sol brilhantes cruzam os céus azuis. Os campos de colza da Inglaterra transformam-se em vales verdejantes; as montanhas acinzentadas da Jamaica elevam-se na bruma; e as águas cor de cobalto da América trans-

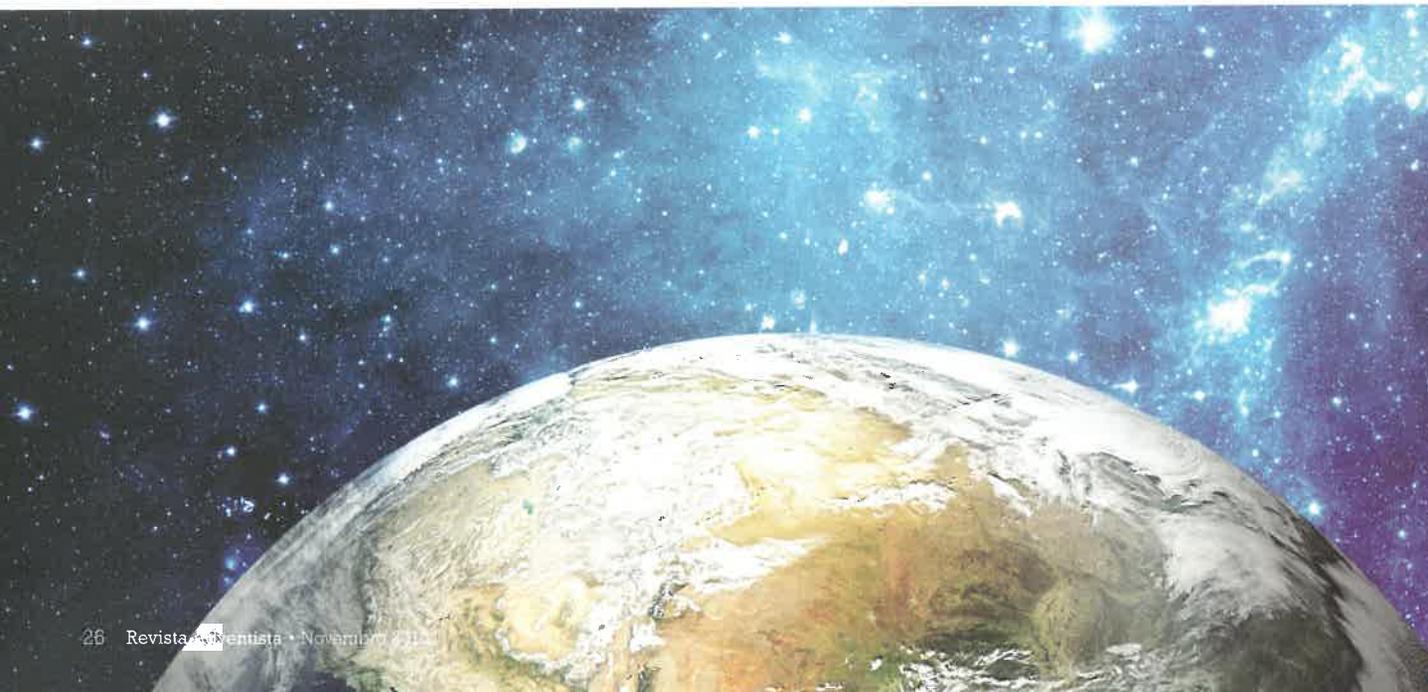
formam-se em praias com areia branca.

Fico sempre impressionada. A Terra é um belo Planeta. E, no entanto, Isaías e João falam-nos acerca de uma Nova Terra que é ainda mais bela (veja Isa. 35; 65; Apoc. 21).

Uma beleza ensombrada

No entanto, à medida que descemos dos 30 000 pés de altitude e aterrmos na pista, eu vejo mais. A beleza que me deslumbrou quando vista do ar não desaparece, mas eu vejo algumas sombras que se vêm juntar

a ela – evidências de conflito, de iniquidade e de abuso, contra as pessoas, as criaturas vivas e a Terra. Perante estas sombras, os ensinamentos da Bíblia sobre a Nova Terra podem confortar-nos e desafiar-nos. Através deles, aprendemos que Deus irá realizar uma renovação total aqui mesmo, no nosso Planeta. As visões dos profetas não são plenas de significado apenas porque mostram a perfeição futura. Elas também são plenas de significado para nós, porque nos mostram a beleza que existiu no passado, que voltaremos a ter e com a qual



devemos alinhar hoje o nosso coração, na medida em que somos chamados em Cristo.

Ilusões e pão cotidiano

Jesus coloca diante de nós este desafio no Sermão da Montanha (Mat. 5-7). Entre as Beatitudes e a história da casa construída sobre a rocha, Ele pede-nos que passemos do hábito de sonharmos acordados, movidos pelas nossas preocupações, para a ação animosa; que passemos das ilusões ao pão cotidiano. Esta mudança de atitude não é uma sugestão. Jesus instruiu-nos para que orássemos pelo nosso “pão cotidiano” e caminhássemos em amor com os outros seres humanos cada dia, como prova do nosso relacionamento com o Pai (Mat. 5:38-48; 6:11).

Assim, todas as vezes que leio os ensinamentos de Cristo, deixo o futuro para regressar ao presente. Na medida em que Jesus nos ensina sobre a transformação vindoura, o que nos desafia Ele a fazer com a nossa vida agora? Que aspectos da Nova Terra estão presentemente “em construção”? Ao mudarmos a nossa abordagem para o presente, como podemos alinhar-nos com alguns dos planos de construção de Deus?

As visões dos profetas sugerem dois aspectos da nossa vida que serão transformados na Nova Terra: O modo como compreendemos o tempo e o espaço e a forma como nos relacionamos com a Natureza e uns com os outros. Uma atenção cuidadosa a estes dois elementos pode ajudar-nos a aprofundar a nossa relação com Deus – o Criador e Salvador intemporal de todos nós (Apoc. 21:3 e 4). Ao reconsiderarmos o



A Nova Terra

Na Nova Terra, em que habita a justiça, Deus proverá um lar eterno para os remidos e um ambiente perfeito para a vida, amor, alegria e aprendizado eternos, na Sua presença. Pois aqui o próprio Deus habitará com o Seu povo, e o sofrimento e a morte terão passado. O Grande Conflito estará terminado e não mais existirá pecado. Todas as coisas, animadas e inanimadas, declararão que Deus é amor. (II Pedro 3:13; Isa. 35; 65:17-25; Mat. 5:5; Apoc. 21:1-7; 22:1-5; 11:15.)

Os Adventistas do Sétimo Dia Creem, Sacavém, Publicadora Atlântico, 1989, p. 358.

modo como tratamos o tempo, o espaço, a Natureza e as outras pessoas nesta Terra, podemos demonstrar o nosso compromisso com a reconstrução vindoura.

Uma ligação eterna

O tempo e o espaço têm governado a nossa vida desde que Deus estabeleceu ritmos, tempos e estações para regular a atividade na Terra (Gén. 1 e 2). Ele “estabeleceu os limites da [nossa] habitação” e levou-nos a povoar toda a Terra (At. 17:26; Gén. 1:28; Isa. 45:18). Ao longo do nosso trabalho aprendemos a honrar os padrões finitos: dia e noite, verão e inverno, atividade e repouso. Os criadores de gado trabalham com os ciclos de acasalamento e de ordenha, os cultivadores respeitam os tempos de sementeira e colheita e as nossas sociedades formalizaram a observância do tempo através de relógios e festas.

Hoje, permanecemos limitados pelo tempo e pelo espaço. Na atividade produtiva ou na recreação, poupamos ou alongamos o tempo que temos ao nosso dispor. Os nossos extensos metro-

politanos também nos forçam a que nos tornemos conscientes do espaço ao nosso redor, e até os nossos serviços de culto se estruturam no tempo e no espaço. A nossa dependência do tempo e do espaço relembram-nos de que somos finitos. E esta pode ser a razão por que a eternidade e o infinito nos fascinam: Nós esperamos alcançar aquilo que nos falta. Salomão disse que Deus “pôs a eternidade no coração dos homens” (Ecl. 3:11). João também viu que “o primeiro céu e a primeira terra passaram”; já não havia um mar divisor e havia alegria e contentamento para sempre (Apoc. 21:1, 23-25; cf. Isa. 65:17 e 18).

Como podemos entender estas imagens num mundo transitório e com limites?

A palavra grega *kairos*, “o momento oportuno”, oferece-nos um modo de abordar a eternidade da Terra. Os teólogos e os gramáticos contrastam *kairos* com *chronos*, sendo que *chronos* designa o tempo medido pelo relógio. Para nós, *kairos* descreve qualquer situação em que sentimos Deus a agir entre nós de modo intencio-

nal e apropriado. Uma mente sensível ao *kairos* imprime no nosso espaço-tempo a assinatura de Deus e sublinha a Sua autoridade plena de propósito sobre o tempo, a ordem e o espaço.

Através da nossa vida, este sentido do *kairos* expande-nos para além da nossa finitude e liga-nos ao Deus eterno e infinito que nos trouxe para junto de Si. Tornamo-nos capazes de ver Deus trabalhar no nosso mundo em todo o tempo, para nós e em nós. Em resultado disso, todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que O amam e são chamados segundo o Seu propósito (Rom. 8:28). Ele está connosco “sempre”; nós somos o Seu povo e Ele é o nosso Deus (Mat. 28:20; Apoc. 21:3).

Redes naturais

Mas as visões da Nova Terra não deveriam sugerir apenas uma abordagem diferente do tempo e do espaço. Elas deveriam também sugerir-nos uma abordagem diferente da Natureza e das outras pessoas. A Bíblia diz-nos que a Natureza geme sob a presente organização do mundo e “espera a manifestação dos filhos de Deus” (Rom. 8:19). Os profetas descrevem assim a Criação restaurada à sua glória, ao seu equilíbrio e à sua paz originais: “O lobo e o cordeiro se apacentarão juntos, e o leão comerá palha como o boi. ... Não farão mal nem dano algum, em todo o meu santo monte, diz o Senhor” (Isa. 65:25; cf. 35:1 e 2). Segundo o livro de Génesis, esta paz harmoniosa entre todos os sistemas da Terra existia desde o princípio. Génesis 1 e 2 descrevem a Humanidade como responsável



pela Criação e como parte dela. Deus criou-nos “do pó da terra” e depois deu-nos a tarefa de cultivarmos essa mesma terra, concebendo-nos para trabalhar com a Natureza e para o fazermos no seu contexto (Gén. 2:15). Todas as partes da Criação trabalhavam em harmonia cooperativa, porque o domínio humano não era ilimitado. A Natureza tem cooperado tanto com os seus administradores humanos como nós temos respeitado as redes vivas que a compõem. Como aprendemos desde que saímos do Jardim, quando não respeitamos a ordem e as conexões da Criação, toda a Natureza sofre – incluindo nós.

Esta mesma correlação e responsabilidade aplicam-se às nossas redes relacionais humanas. A amorosa produtividade e as prósperas relações da família humana na Nova Terra reprovam por contraste todas as relações humanas destrutivas (Isa. 65:19-24; Mat. 5:21-48). Jesus ensinou sem qualquer ambiguidade que, ao amarmos Deus,

devemos também amar-nos uns aos outros. Isto significa que não podemos desrespeitar os nossos irmãos sem desrespeitar o nosso Pai (I João 3:11-18; 4:7-21). Na Nova Terra já “não há mais mar”, não há mais separação entre nós e Deus, tal como não há mais separação entre um ser humano e outro. Um conhecimento íntimo entre Deus e o Seu povo substitui as avaliações dúplices e a divisão de todo o género porque todos são um em Jesus Cristo (Gál. 3:26-29; Rom. 12; Efé. 4).

Um mundo de beleza sem sombras – este é o mundo em que você e eu planeámos viver. É o mundo que, em Cristo, nos comprometemos a construir e a ocupar. Ele pede-nos que deixemos que a nossa vida sirva como tijolos para a construção. E podemos construir com confiança, porque Cristo, o fundamento, é sólido e seguro. ✦

• **Keisha McKenzie**
Técnica de Comunicações

Cortesia do Ellen C. White Estate, Inc.



William Ward Simpson

O PRIMEIRO EVANGELISTA DO ADVENTO A SER BEM-SUCEDIDO NAS GRANDES CIDADES

Os visitantes do Centro de Pesquisa Adventista situado na Universidade Andrews ficam muitas vezes fascinados pelas sete estruturas tridimensionais em *papel-machê* que retratam os animais dos livros bíblicos de Daniel e Apocalipse. Quem fez essas obras de arte? Onde e quando foram usadas? As respostas a essas perguntas revelam um notável legado evangelístico do Adventismo.

Primeiros anos

William Ward Simpson, de ascendência inglesa, nasceu em Brooklyn, New York, em agosto de 1872. Algum tempo depois, os seus pais regressaram a Inglaterra, onde moraram durante onze anos. Voltaram então a mudar-se para os Estados Unidos com toda a família, estabelecendo-se na Florida. O pai de William Simpson viveu pouco tempo após a sua mudança para os EUA. Acometido de uma pneumonia durante a viagem de navio, morreu logo após a chegada ao continente americano. William Simpson foi o único sobrevivente dos seis filhos da família Simpson. Os Simpson professavam o ateísmo. Porém, quando William

ficou doente, amigos da família aconselharam a sua mãe a levá-lo ao Sanatório Adventista de Battle Creek.¹

Quando recuperou a saúde, em consequência dos cuidados prestados, o Dr. John Kellog contratou-o como pacote para trabalhar no Sanatório. Trabalhar com os Adventistas no Sanatório e, mais tarde, na *Good Hope Publishing Company*, não modificou em nada a incredulidade de Simpson.

Quando contava dezoito anos, Simpson ainda olhava com desdém para os anúncios das palestras sobre as profecias de Daniel e do Apocalipse expostos na capela do local onde trabalhava. Certa noite, disposto a fazer troça das palestras, entrou furtivamente na capela durante a reunião. Mas o Espírito Santo estava a agir. Naquela mesma noite, Simpson começou a ser cativado pelas profecias bíblicas e, daquele dia em diante, assistiu a todas as palestras, tendo aceitado a verdade.

Colportor e pregador

Enquanto amadurecia, Simpson trabalhou como impressor na *Review and Herald*, em Battle Creek. A convicção de que Deus estava a chamá-lo para pregar a Sua Palavra invadiu o coração do jovem extrovertido. Decidiu tornar-se Colportor. A venda de literatura religiosa foi para ele uma grande satisfação

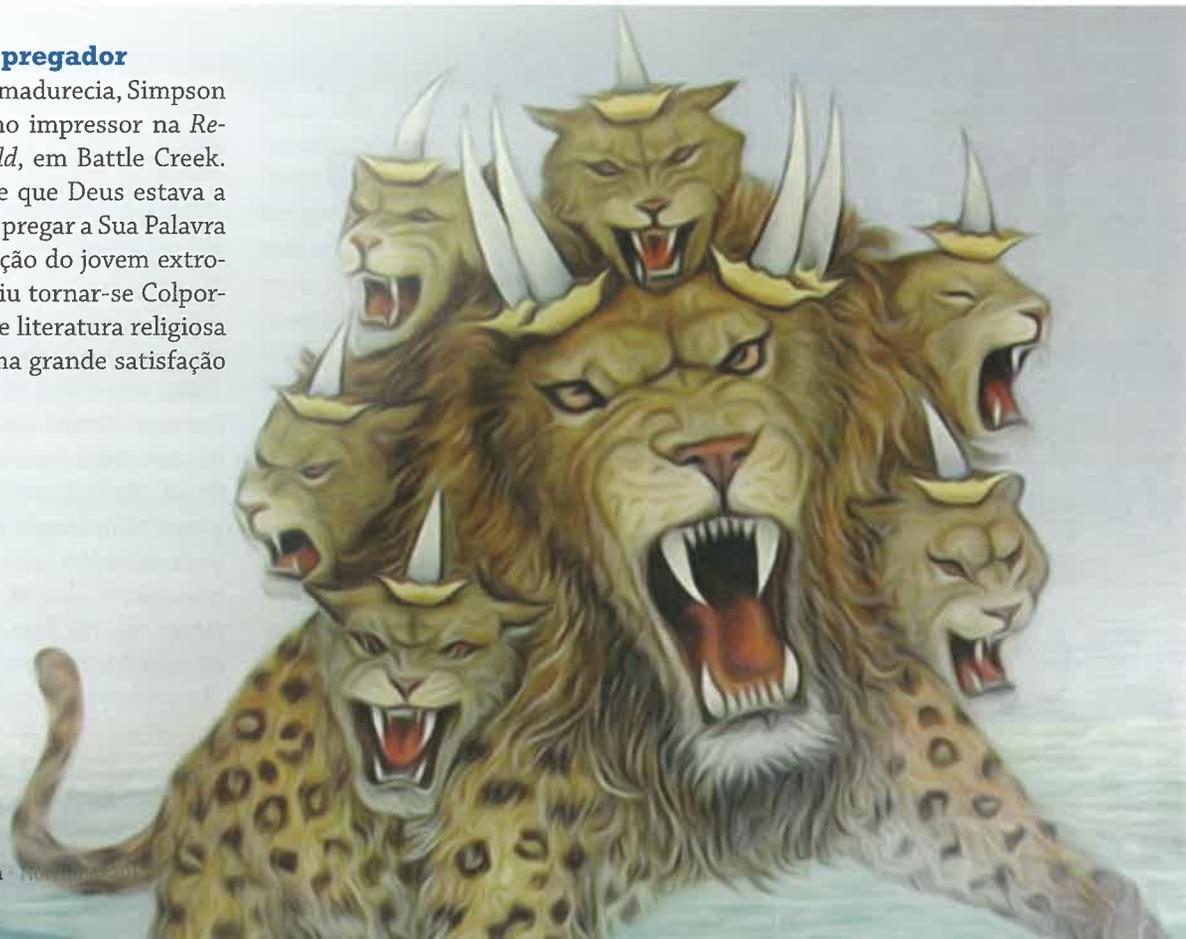
e alcançou assinalável sucesso; de tal forma que a Associação do Michigan lhe concedeu uma licença para pregar.

Simpson pregou o seu primeiro sermão em King's Mills, Michigan, no dia 29 de abril de 1894. Ele foi influenciado pelo ministério de John Fox Ballenger, um pioneiro que usava maneiras criativas para ilustrar as verdades bíblicas. Ballenger havia construído uma réplica do antigo Santuário. Como queria ver melhor os meios visuais usados por Ballenger e aprender mais sobre os seus métodos de evangelização, Simpson aproveitou a primeira oportunidade para visitar o lar de John Ballenger. Conversaram um dia inteiro, pois os dois homens tinham muito do que falar. A filha de Ballenger, Nellie, veio jantar com eles.

No começo de 1895, com vinte e dois anos, Simpson chegou ao Canadá para fazer trabalho de pioneiro. Ele organizou a igreja de

Kent County, na província do Ontário. Mas a igreja metodista local serviu-se da lei dominical existente para acusar Simpson de “profanação do dia sagrado”. No dia 2 de maio de 1896, ele foi condenado a pena de prisão. Esteve preso por quarenta dias na cadeia local. Sendo engenhoso e indomável, Simpson usou o seu tempo na cela e os materiais disponíveis para preparar um folheto com vinte páginas, bem documentado, sobre liberdade religiosa. Este folheto foi amplamente disseminado pela região. No dia 10 de junho, Simpson deixou a prisão. Em novembro, já estava a realizar reuniões numa reserva indígena na região oeste do Ontário.

O jantar em casa de Ballenger, em 1894, continuou a render dividendos. A Associação do Michigan chamou Simpson para trabalhar com Ballenger nas conferências evangelísticas, sendo Nellie a responsável pela música.



Embora Simpson tenha voltado a trabalhar no Canadá e Nellie fosse preceitora e obreira bíblica no Walla Walla College, no Estado de Washington, a correspondência entre eles continuou. Como Simpson tinha conhecimentos de relojoaria, consertou o relógio de Nellie quando este se avariou. Assim, jantares, música evangelística, o concerto do relógio e a correspondência contínua acabaram por resultar em casamento. Este realizou-se no dia 10 de maio de 1899. Nellie acompanhou Simpson no regresso ao seu campo de trabalho no Canadá e assistiu à sua ordenação ao ministério pastoral durante a reunião campal de verão realizada em London, Ontário. O casal foi abençoado com três filhos.

Evangelismo nas grandes cidades

Em outubro de 1902, quando ainda morava no Canadá, Simpson sofreu uma primeira hemorragia nos pulmões. Mudou-se, então, para um clima mais quente, para a Califórnia, onde trabalhou os seus últimos cinco anos (de 1902 a 1907), dirigindo campanhas evangelísticas bem-sucedidas nas cidades de Redlands, Riverside, Los Angeles, San Diego, Pasadena, Santa Ana, Oakland e outras.² William Ward Simpson era um orador persuasivo e imaginativo, um evangelista Adventista único no seu tempo.³

Durante o período em que trabalhou na Califórnia, Ellen White declarou: “W. W. Simpson tem realizado reuniões evangelísticas numa tenda no coração da cidade de Los Angeles. [...] Noite após noite, a grande tenda, com capacidade para duas mil pessoas, tem estado cheia. [...] O Pastor Simpson apresenta a verdade tal como ela era apresentada no passado. [...] Ele explica as profecias com

bastante clareza, mostrando que o fim de todas as coisas está às portas.” E, acrescentou a Mensageira do Senhor: “O Senhor certamente trabalha ao seu lado e gostaria que houvesse centenas de obreiros como ele no campo, proclamando a última mensagem de advertência com a mesma honestidade e com o mesmo entusiasmo.”⁴

Em 1905, a presença de uma multidão em Los Angeles, contando cerca de duas mil pessoas, atraídas pelas palestras de William Simpson, leva-nos a pensar sobre qual teria sido o rumo do método de evangelismo Adventista, se Simpson tivesse vivido mais tempo. Antes de morrer, aos trinta e cinco anos, Simpson trouxe inovações importantes aos métodos de evangelismo empregues pelos Adventistas. No período que esteve em Pasadena, no início de 1906, Simpson encomendou duas bestas em *papel-machê* a uma empresa de Hollywood. Em 1976, a sua neta Lavon M. Ramsey e o seu esposo Fred doaram essas estátuas de animais (com alguns outros bens pessoais do seu avô) ao Centro de Pesquisa Adventista. A Coleção William Ward Simpson é composta por duas caixas que encerram correspondência, informação sobre os animais em *papel-machê*, material sobre a família Ballenger, escritos sobre o trabalho evangelístico de Simpson e o material pertencente à sua filha, Winea J. Simpson.

Influência duradoura

Embora tenha vindo de um lar ateu, Simpson tornou-se num excelente porta-voz de Deus. Ellen White escreveu-lhe, pelo menos, oito cartas, uma das quais dizia: “Tenho uma mensagem do Senhor para si. Cultive os seus órgãos vocais.”⁵ Ela animava-o a continuar

com as suas campanhas evangelísticas, dizendo-lhe que “os anjos estão ao seu redor”.⁶ Ela também o cumprimentava pelos seus resultados notáveis.⁷ Finalmente, durante a fase final da sua doença, ela escreveu: “O Senhor abençoou os seus esforços; mas o seu trabalho ainda não está terminado. Faça o melhor tratamento que possa encontrar.”⁸

Todavia, o seu trabalho continua inacabado. No dia 28 de abril de 1907, o excesso de trabalho e os problemas de saúde levaram Simpson à sepultura. A seguinte citação de William Ward Simpson soa de modo notável aos nossos ouvidos ainda hoje: “Agradeço a Deus do profundo da minha alma pela humilde parte que me deu na Sua causa e dedico-me, com tudo o que tenho ou jamais sonhei ter, a ajudar a fazer soar o alto clamor da mensagem do terceiro anjo em toda a Terra nesta geração.”⁹

• **Glúder Quispe**

Professor de Teologia na
Universidade Unión, Peru

1. Nellie Ballenger Simpson, “Notes”, citado por Fred M. Ramsey, *A Study of William Ward Simpson's Evangelistic Personality*, monografia preparada para a História da IASD, Andrews University, maio de 1971, p. 5.
2. Os resultados das campanhas evangelísticas podem ser encontrados em G. W. Reaser, “Southern California: New Items”, *Pacific Union Recorder*, 28 de dezembro de 1905, p. 5; 15 de março de 1906, p. 4; William W. Simpson, “Pasadena”, *Review and Herald*, 12 de junho de 1906, p. 4; Ellen G. White para John Burden, Sanitarium, California, 12 de abril de 1905.
3. Howard B. Weeks, *Adventist Evangelism in the Twentieth Century*, Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Ass., 1969, p. 18.
4. Ellen G. White, “Notes of Travel – n° 5: Los Angeles, Cal.”, *Review and Herald*, 2 de março de 1905.
5. Ellen G. White para William W. Simpson, 18 de setembro de 1904.
6. Ellen G. White para William W. Simpson, 14 de outubro de 1905; 30 de janeiro de 1906; 20 de agosto de 1906 e 27 de outubro de 1906.
7. Ellen G. White para William W. Simpson, 4 de dezembro de 1906.
8. Ellen G. White para William W. Simpson, 9 de abril de 1907.
9. William Simpson, “Pasadena”, *Pacific Union Recorder*, 21 de junho de 1906, p. 4.

Obesidade infantil

Fui com o meu filho de cinco anos a uma consulta de rotina no centro de saúde e disseram-me que ele sofre de obesidade. O que devo fazer?

A obesidade foi considerada pela Organização Mundial de Saúde a epidemia do século XXI. De facto, a prevalência desta doença tem vindo a aumentar de forma assustadora.

A obesidade pode ocorrer em qualquer idade, mas é particularmente preocupante nas crianças e nos adolescentes. Nestas faixas etárias, a obesidade pode aumentar o risco do aparecimento

de doenças como a diabetes *mellitus* tipo 2, a hipertensão arterial e as dislipidemias em idades muito mais jovens do que é habitual. As crianças e os adolescentes obesos têm, também, com mais frequência, problemas nos relacionamentos sociais, baixa autoestima e doenças mentais, como a depressão. Por outro lado, sabe-se que a obesidade nestas faixas etárias está associada a um aumento acentuado

da incidência de obesidade na idade adulta, com todas as suas consequências: aumento do risco de doenças cardiovasculares, diabetes *mellitus* tipo 2, vários tipos de cancro, doenças osteoarticulares (como as osteoartroses), infertilidade, depressão, entre outras.

A obesidade é uma doença crónica e, na maior parte dos casos, está ligada a hábitos errados que se vão adquirindo ao longo da vida e que provocam um desequilíbrio entre a ingestão alimentar e a atividade física, levando a um balanço energético positivo e à acumulação de gordura.

Como mudar hábitos enraizados não é fácil, o tratamento da obesidade é, geralmente, difícil e exige muita persistência. Nas crianças, habitualmente, o objetivo não é a perda de peso, mas sim que cresçam em altura mantendo o seu peso ou, pelo menos, aumentando pouco o respetivo peso. Em todo este processo é importante procurar o aconselhamento e a ajuda dos profissionais de saúde que seguem a criança ou o adolescente.

De seguida descrevem-se algumas medidas práticas que podem ser usadas, quer na prevenção, quer no tratamento desta doença:

– Incentivar o consumo de frutas, vegetais e legumes.

– Cuidado com o que se tem na despensa e no frigorífico! Deve-se procurar ter em casa alimentos saudáveis, nomeadamente frutas e vegetais. Deve-se evitar ter disponíveis em casa bolos, doces, chocolates, batatas fritas e outros alimentos ricos em açúcar e/ou gordura.

– Incentivar o consumo de água. Evitar o consumo de bebidas açucaradas (por exemplo, refrigerantes e leites adoçados) e mesmo de sumos ou néctares de frutas.

– Estabelecer uma rotina para o horário das refeições. Evitar comer fora deste horário.

– Proporcionar um ambiente calmo e agradável para as refeições. Privilegiar as refeições em família e nada de televisão!

– Criar condições de modo a incentivar a criança a brincar de uma forma ativa (correr, saltar, jogar à bola), diariamente.

– Limitar o tempo despendido

em atividades sedentárias, como ver televisão, brincar com jogos de vídeo ou usar o computador.

– Incentivar a prática de atividade física estruturada: natação, ginástica, futebol ou outra modalidade que desperte o interesse da criança.

– Promover momentos de brincadeira e de atividade física em família.

O comportamento dos pais e de outros elementos da família influencia muito os comportamentos da criança. Por isso é de extrema importância que todos procurem aumentar os seus conhecimentos acerca do estilo de vida saudável e, sobretudo, que sirvam de exemplo para a criança.

O tratamento da obesidade não é fácil. A melhor arma é a prevenção. E a prevenção começa desde muito cedo, através da aquisição de hábitos de saúde sólidos. É sempre mais fácil adquirir bons hábitos desde o início do que mudar maus hábitos mais tarde! 🍌

• **Rute Ferreira**
Médica



Um excelente **manual de estudos** simples e práticos, que o ajudarão a estudar e a ensinar sobre os mais relevantes temas da Bíblia.

Da autoria de Mark Finley

ENCOMENDE JÁ

na livraria da sua igreja

ou

na Publicadora SerVir.

www.publicadora-servir.pt



A fenda na rocha

VENDO DEUS ATRAVÉS DOS TEMPOS MAIS NEGROS

Um dos hinos que nós, Cristãos, gostamos de cantar é o clássico “Abrigo na rocha”, pela famosa poetisa Fanny J. Crosby. O coro diz:

No abrigo da rocha me esconde ao calor
Em árida terra de sol;
Oculta minh'alma em Seu plácido amor,
E cobre-me com Sua mão,
Sim, cobre-me com Sua mão.¹

Aparentemente, a autora inspirou-se na experiência de Moisés no Monte Sinai, tal como está narrada no livro de Êxodo. Não sei o que se passa consigo, mas eu tenho alguma dificuldade em me identificar com este hino. Por isso, agarrei a “minha velha amiga”, isto é, a minha Bíblia gasta e um pouco rasgada (herdada do meu falecido pai), e, com a ajuda da Concordância Bíblica Exhaustiva, de Strong, fiz um pouco de exegese da narrativa escriturística.

Comoveu-me

A principal passagem que se relaciona com este hino em particular é Êxodo 33:21 e 22: “Disse mais o Senhor: Eis aqui um lugar, junto a mim; ali te porás sobre a penha. E acontecerá que, quando a minha glória passar, te porei numa fenda da penha e te cobrirei com a minha mão, até que eu haja passado.”

Tenho de admitir que esta passagem tem um efeito espantoso sobre mim. No entanto, um aspeto dela, que excede em brilho tudo o resto

(pelo menos, para mim), tem a ver com a percepção “da glória de Deus”.

As Escrituras revelam explicitamente que um dos meios para se conhecer Deus é estarmos expostos aos Seus caminhos (Êxo. 33:13). Parece que a glória de Deus é exibida pelo Seu caráter. Em Êxodo 33:18-22, Moisés pede a Deus: “Por favor, mostra-me a tua glória.” Então Deus diz: “Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e apregoarei o nome do Senhor diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem me compadecer. E disse mais: Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá. Disse mais o Senhor: Eis aqui um lugar, junto a mim; ali te porás sobre a penha. E acontecerá que, quando a



minha glória passar, te porei numa fenda da penha e te cobrirei com a minha mão, até que eu haja passado.” (cf. Êxo. 34:5-7).

Estas passagens apresentam Deus, simultaneamente, como um Deus de misericórdia e de justiça. E o versículo 7 do capítulo 34 indica que o perdão cobre três facetas da nossa queda espiritual: iniquidade, transgressão e pecado.

Em Hebraico “iniquidade” (*avon*) significa “afastar-se da verdade”; “transgressão” (*peshah*) significa “rebelião”; e “pecado” (*chatt'ah*) significa “desviar-se”. Todos estes contrastam com o “arrepentimento” (Hebraico: *nocham*, “penitência”, “tristeza”; e Grego: *metanoia*, “mudança de mente”, “conversão”).

Queda e restauração

Enquanto refletia no testemunho de Moisés acerca desta extraordinária teofania, apercebi-me de que chegar a conhecer Deus é proporcional a beneficiar da Sua bondade, o que significa gozar da Sua infinita graça e misericórdia. Ele é paciente e compassivo com aqueles que buscam o arrependimento e a renovação. Por outro lado, Ele não ignora a teimosia e o atrevimento dos ímpios; e estes irão, sem dúvida, receber a sua merecida penalidade. É, assim, do nosso interesse buscar o Seu abrangente perdão.

Mas, o que significa, realmente, ser perdoado?

O próprio Senhor revela que a queda espiritual de uma pessoa envolve, pelo menos, três estágios. A princípio, a pessoa típica, seja Cristã ou descrente, terá uma tendência para viver em divergência com a vontade de Deus ou para questionar a validade e a praticabilidade das Escrituras. Como resultado, essa pessoa desconsiderará a autoridade suprema de Deus e, em essência, viverá uma vida de

rebelião. Por fim, essa pessoa será achada culpada e perder-se-á, sem qualquer possibilidade de redenção, a não ser que haja uma rotura neste padrão descendente.

Embora a nossa passagem bíblica principal (acerca da fenda na rocha) aponte para um fenômeno literal, podemos retirar dela um sentido simbólico.

Por exemplo, quando, consistentemente, resistimos ao apelo de Deus, o nosso coração pode tornar-se tão teimoso como o do Faraó – tão duro quanto uma rocha inamovível (veja Êxo. 4:21; 7:3). Mas, quando permitimos a Deus que golpeie este nosso coração empedernido, então, pela fenda criada, digamos assim, seremos capazes de ver a glória de Deus. E eu creio que “ver a Sua glória” significa, em essência, ser perdoado e restaurado.

O Senhor, na Sua amorosa bondade, está sempre pronto para interceder a nossa queda livre, seja física ou espiritual, e a vida de José e de Moisés no Velho Testamento atestam acerca deste tipo de intervenção miraculosa. Num dado momento da sua vida, ambos estavam consumidos pelo orgulho e pela impulsividade (veja Gén. 37:2-11; Êxo. 2:11 e 12). Mas Deus, no Seu modo misterioso, mudou-os dramaticamente (Gén. 41:16; Êxo. 3:11), e estas mudanças, eventualmente, tornaram-se evidentes no resultado final da sua vida (veja Gén. 45:5; Deut. 33:3).

No entanto, nem toda a gente experimentará arrependimento e conversão genuínos após ser exposta à glória de Deus. Como José e Moisés, o Faraó também era orgulhoso e impulsivo (veja Êxo. 5:2-9). E tal como fez tanto com José como com Moisés, Deus também trabalhou com ele, trazendo-o quase ao ponto do arrependimento (Êxo. 12:31 e 32). Infelizmente, após ter testemunhado pessoal-

mente as maravilhas manifestas de Deus, o orgulho do Faraó tornou-o mais teimoso do que nunca (Êxo. 14:6-9).

Vendo a Sua glória

Deveríamos reconsiderar as nossas crenças e os nossos motivos à luz da inspiração que obtemos das Escrituras. Deveríamos voltar à verdade, se fomos tentados a duvidar da Palavra de Deus, e submeter-nos totalmente à Sua autoridade – em vez de apenas vivermos para nós mesmos. Então, temos que permanecer na Sua presença, apesar das atrações do prazer mundano e da influência da razão humana. Mas, se resistirmos, voluntária e persistentemente, ao amor firme de Deus, então sofreremos a consequência última que resulta da separação d'Ele – a morte eterna.

Lembremo-nos, no entanto, de que Deus não tem prazer na morte do ímpio (Eze. 33:11). Em vez disso, Ele quer salvar-nos, se O deixarmos. Os momentos mais desafiadores e difíceis da nossa vida podem fazer com que O conheçamos melhor. Tal como no caso de José, na prisão, e de Moisés, no deserto, as respostas não virão com facilidade. Mas descobriremos que essas questões não respondidas nos conduzirão providencialmente ao escrutínio íntimo e, for fim, à restauração.

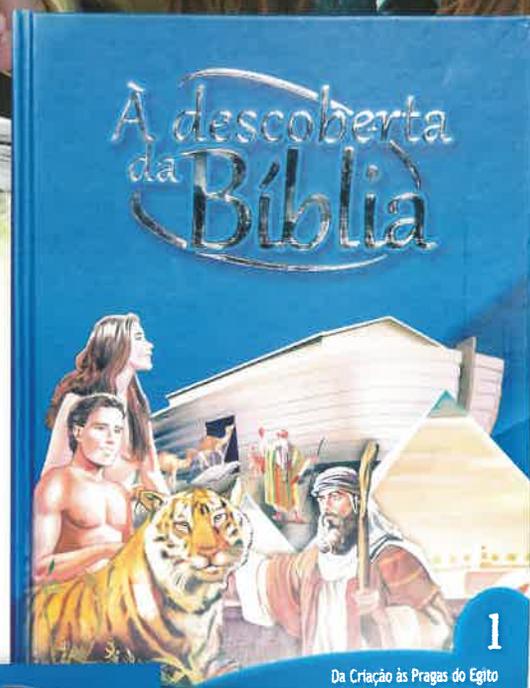
Por isso, deixemos o Senhor cobrir a nossa face com a Sua mão direita. E, à medida que o Senhor passar, seremos autorizados a ver as longas e terríveis cicatrizes nas Suas costas. Então, olhando através da “fenda na rocha” da Sua mão, perceberemos que essas cicatrizes são a sólida evidência da Sua glória. ✨

• **Nixon de Vera**
Pastor

1. *Hinário Adventista do Sétimo Dia*, nº 374.

Nova edição
de "A Bela Bíblia Contada às Crianças"

À descoberta da Bíblia



TREZENTAS E QUARENTA E CINCO HISTÓRIAS BÍBLICAS

para crianças em idade escolar, distribuídas em seis volumes, escritas numa linguagem simples e baseadas inteiramente na Bíblia Sagrada.

Os seus filhos não só entenderão melhor a Bíblia, como também aprenderão valores morais e princípios.

Encomende já!

LIGUE 21 962 62 00

Publicadora SERVIR 

PUBLICADORA SERVIR, S.A.
Rua da Serra, 1 - Sabugo, 2715-398 Almagem do Bispo